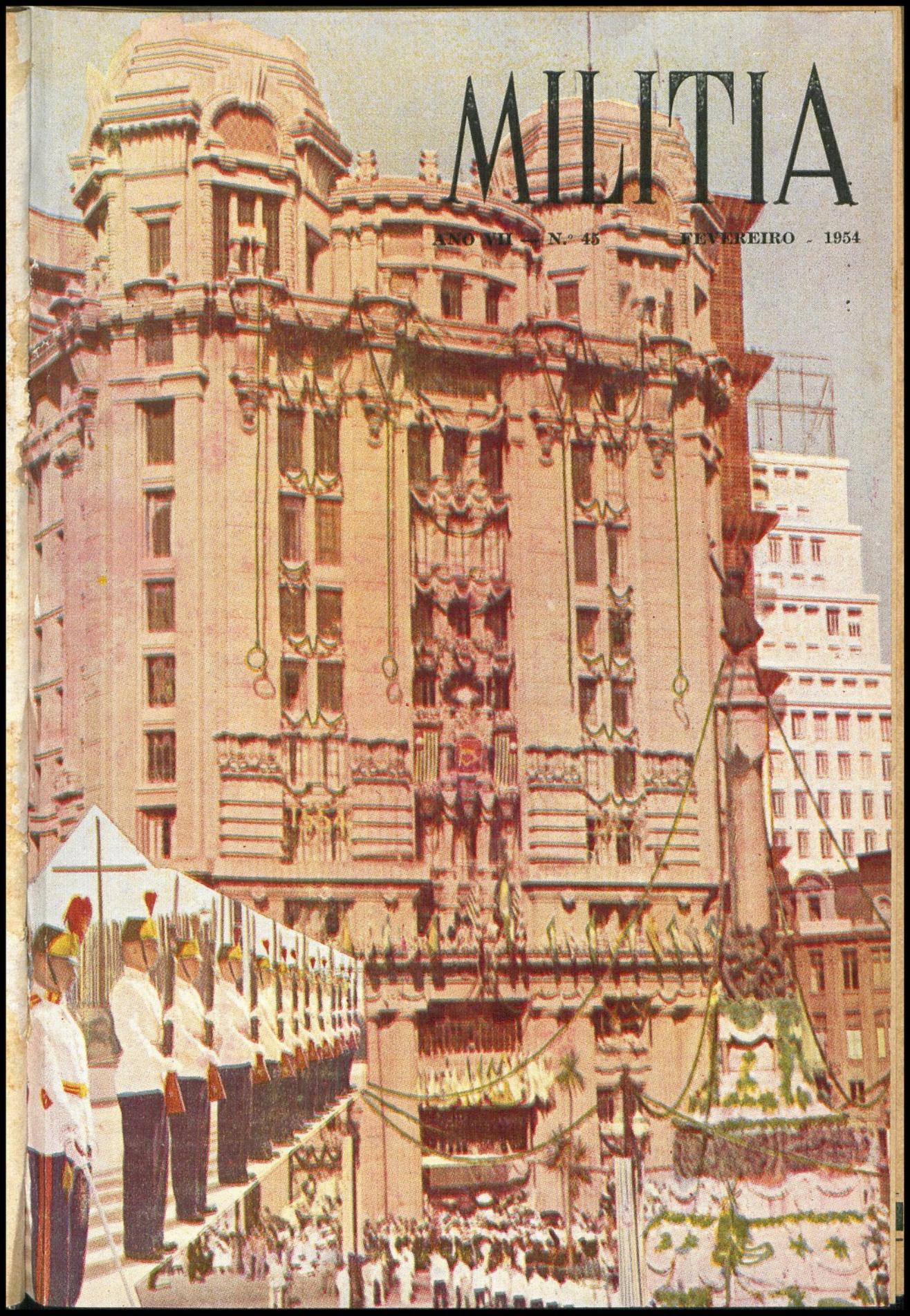


MILITIA

ANO VII — N.º 45

FEVEREIRO - 1954



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Aperfeiçoamento Profissional — 1.º ten. Sérgio Vilela Monteiro	6
Fundamentos do Direito Penal — Agnello Camargo Penteado	12
Coisas da Fôrça Pública — Cel. Anchieta Torres	14
O Problema da Filosofia da História — Paulo Pereira de Castro	16
Se Eu Fôsse Pintor — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro	28
O Incêndio do “Babilônia” — Ten. Cel. Tisiano Felipe Leoni	30
General de Milícia — Cap. Edson Queiroz	32
Meu Retrato (Soneto) — Assid Bedran	34
Secção Feminina — Rita de Cássia	36
Despeço-me — Frederico O.P. de Barros	51
NOTICIÁRIO	
IV Centenário de São Paulo	44
Eleita e Empossada a Nova Diretoria da A.O.R.R.F.P.	52
Solenemente Empossado o Novo Presidente do Tribunal de Justiça Mi- litar do Estado de São Paulo	54
O Governador na “Casa do Jornalista” de São Paulo	55
Caixa Beneficente da Fôrça Pública	58
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Acre	60
Amazonas e Bahia	61
Ceará e Distrito Federal (Polícia Militar)	63
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros)	65
Espírito Santo e Minas Gerais	66
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul	68
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
“XXIX SÃO SILVESTRE”	72
Prova “Campanha Brasileira de Cartuchos”	77
RECREAÇÃO	
Secção de Édipo	80

Era uma vez

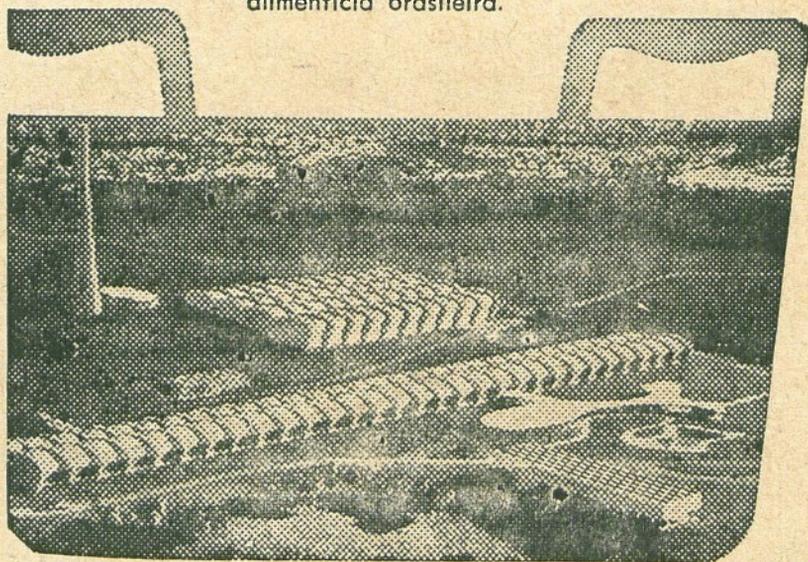
um pequenino tacho...



Foi em 1897... na cidadezinha pernambucana de Pesqueira, que D. Maria da Conceição Cavalcanti de Britto iniciou o fabrico caseiro da goiabada, o doce mais brasileiro... E no entanto, ninguém poderia imaginar que a despretenciosa Indústriazinha fosse a célula-mater que daria origem, depois de meio século de ati-

- onde
se caldeou
uma grande
organização
industrial

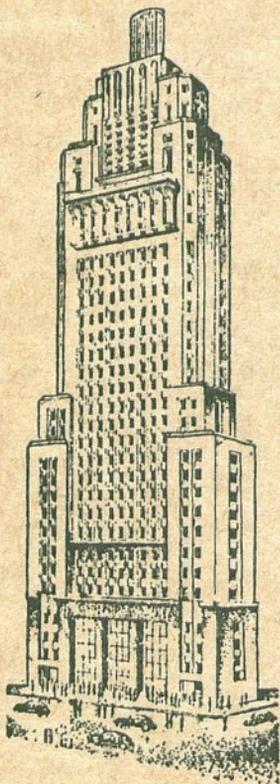
vidades, à maior organização de produtos alimentícios do Brasil. Fruto de um ideal trabalhado com Fé e perseverança, as Fábricas Peixe se espalharam por todo o país, atraindo também para a sua órbita outras firmas já consagradas pela Família Brasileira. E hoje, juntamente com a Fábrica Duchen, onde são feitos os mais saborosos biscoitos, as Fábricas Peixe representam a mais alta expressão da indústria alimentícia brasileira.



INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S.A.

Produtos Marca **PEIXE**

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RAPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Assunto palpitante o da realização de um congresso das polícias-militares do Brasil. Será o caminho certo para fixar a média de aspirações e delinear as bases de nova estrutura das tradicionais milícias, com reflexos imediatos na sua evolução.

Embora criada, de fato, na primeira metade do século passado, as polícias-militares só foram instituídas, na Constituição, em 1934. O acontecimento as conclamou ao intercâmbio e a novos empreendimentos, para ainda mais servirem à Pátria e à sociedade.

Atendendo a êsses reclamos, vimos o ingente trabalho de uma plêiade de idealistas, à frente o bravo Arruda Câmara e, como resultado primeiro, assistimos à promulgação da Lei Federal n.º 192, de 1936.

Posteriormente, a Carta Magna de 1946, tratando das polícias estaduais, não reformou substancialmente as disposições contidas na de 1934. Destarte, não havendo óbice de ordem constitucional, continuou a vigorar a Lei n.º 192, de 1936. Mas, isso não significa ser desnecessária a modificação desse diploma.

Na verdade, decorridos quase vinte anos, torna-se imperiosa a revisão das leis federais atinentes às polícias-militares, especialmente para a definição de seus deveres junto ao Exército Brasileiro, do qual são reservas, como forças auxiliares.

Face a êste princípio constitucional cumpre conceituar, exatamente, a missão daquelas corporações, de modo a não se perderem suas mais vivas energias no emaranhado das variegadas concepções de indeterminadas finalidades.

Isso feito, importa completar-se o arcabouço da organização das polícias-militares, tendo em vista sua missão precípua, isto é, o pleno exercício dos misteres policiais.

Assim, verifica-se que o temário do projetado congresso não pôde prescindir de dois itens:

- 1.º — Missões das polícias-militares, como reservas do Exército Brasileiro, e
- 2.º — Organização e finalidades das mesmas polícias.

Para as conclusões do primeiro tema serão essenciais diretrizes do Estado Maior do Exército. Contudo, ante as características da guerra moderna e a distribuição geográfica dos efetivos das polícias-militares, parece natural que seus encargos militares, em caso de convocação, estejam adstritos aos planos de defesa territorial.

Superado o primeiro tema e conhecidos os deveres das polícias-militares frente às Forças Armadas, assentar-se-ão suas outras finalidades e organização geral.

A seguir, debatidas e fixadas as atribuições das milícias na manutenção da ordem e da segurança pública, cada Estado, que paga e mantém a respectiva Corporação, consoante seu peculiar interesse, instituirá, através desse órgão, seu inteiro sistema de policiamento.

Aperfeiçoamento Profissional

Palestra proferida pelo
1.º ten. Sérgio Vilela Monteiro

CONSIDERAÇÕES SOBRE O APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

O aperfeiçoamento profissional de nossos homens seria como uma resul-

tante. De um lado, como forças, a SELEÇÃO e EDUCAÇÃO; de outro lado a VERIFICAÇÃO e ORIENTAÇÃO.



Para nós, o problema seleção traz consigo inúmeros outros, mais de ordem social, administrativa e política, que propriamente psicotécnica.

Diz-nos o prof. Myra y Lopez: "Seleção é a busca do melhor homem para cada trabalho".

Ora, o movimento social de nosso Estado é único no mundo! Grande oscilação imigratória, grandes variações de mercado, rápido desenvolvimento urbano e industrial se entrelaçam fabulosamente!

Dada essa grande flutuação, o elemento que nos tem procurado é o que sobrou, o que não pode suportar a grande corrida. E isso se explica pelo aspecto administrativo.

Si pagássemos melhores vencimentos, a primeira seleção, a seleção natural, já seria feita. Evidentemente, não tenhamos ilusões. Por puro ideal e patriotismo, são raros os que nos procuram.

Paguemos melhor e teremos melhor tropa.

Há outros aspectos administrativos que a nosso ver nos afastam os melhores homens, mas fugiríamos demasiado ao assunto para explaná-los...

A questão política também é importante. Nosso soldado não tem o sagrado direito de voto. Ainda outro dia vimos, no cinema, as urnas de votos serem levadas em helicópteros às estepes geladas dos esquimós. Também os soldados da

frente coreana foram substituídos nas linhas de frente, a fim de votar.

Somos contra partidanismos, mas não podemos perder esse direito. Nosso soldado é um profissional que deve ter suas aspirações.

Infelizmente, no grande jogo de interesses, que é a política em nosso Estado, somos peso morto; daí vemos nossas justas aspirações relegadas a planos secundários.

Eis, em linhas gerais, alguns dos motivos que nos afastam os melhores homens.

Da precária amostra que restou, que será possível selecionar?

Ao realizarmos seleção, procuramos trazer para o nosso meio os homens que melhores características de normalidade possuam.

Eis aí, justamente, uma coisa assaz difícil de precisar e, a título de curiosidade, transcrevemos aqui um trecho de Adolfo Padovan, eminente douto no assunto, sobre o homem normal. Diz ele:

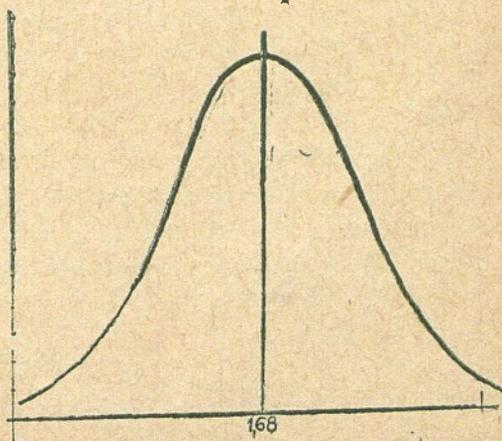
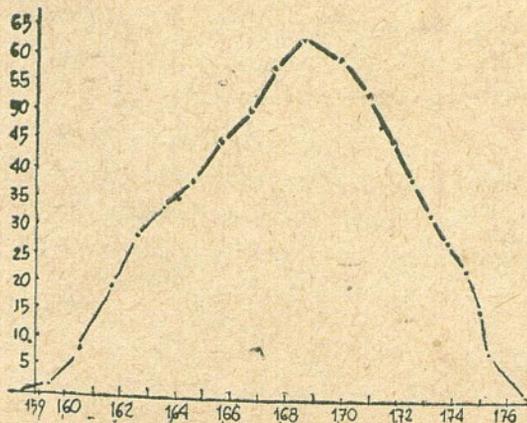
"Que eu saiba, até agora ninguém descreveu esta *avis rara* da família humana. Si o homem tem momentânea suspensão de energia volitiva, é *abúlico*; um mutismo involuntário, é *afásico*. Não deve sofrer de insônia (*agripnia*), ser muito alegre (*amenomania*), interromper as frases com vogais alongadas (*angofrasia*), não precipitar as palavras (*batarismo*), não as afrouxar (*bradifa-*

sia), não escrever muito (*grafomania*), não viver sozinho (*claustrofobia*), não se entusiasmar muito pelas novidades (*filoneísmo*), nem tampouco as repudiar (*misoneísmo*), não amar desenfreadamente as mulheres (*ginecomania*), mas não lhes fugir (*misogénia*), não ter exagerada sensibilidade tátil (*hiperestesia*), nem o olfacto (*hiperosmia*), não trocar o l pelo r, (*rotacismo*), não viajar muito (*vagabundagem*), mas não permanecer muito no mesmo lugar (*sedentarismo*), enfim, não ser precoce nem tardio.

O homem normal, em suma, deveria ser um autômato, sem fraqueza e sem energia, nem egoísta nem altruísta, nem entusiasta nem apático. Uma coisa cinzenta e monstruosa, um quase nada, um mito. Existe tal criatura?"

Não deixa de haver um pouco de exagero, mas, quando nada, ressalta a dificuldade do problema.

Normal, em psicologia, não é assinalado por medidas rigorosamente aferidas. A variabilidade dos fenômenos bio-sociais é muito grande e, somente o método estatístico nos pode fornecer dados para verificar a validade dessa variação. Tal método não é válido para valores isolados. Observando grandes números e dentro da teoria matemática das probabilidades, poderemos esperar que o mais freqüente no passado, seja admitido como o mais provável no futuro. Exemplifiquemos:



Na abcissa marcamos as diferentes alturas dos senhores oficiais da F.P., e na ordenada, freqüencia. Como o número é pequeno, o fenômeno seria representado por um polígono. (fig. 1). Por hipótese, houve dois oficiais com 1,69m, cinco com 1,61m, etc. Si aumentássemos infinitamente o número de observações, o fenômeno seria representado por uma curva, dêsse tipo (fig. 2).

Existem cálculos que nos permitem, então, separar os inferiores, os médios e os superiores. Poderíamos então dizer: a média de altura dos oficiais da Força é 1,68m (por hipótese).

Porém, se seleccionássemos nossos oficiais exigindo maior altura, em cinco anos, provavelmente essa média teria subido; si o fizéssemos exigindo menor altura, ela teria baixado.

Vejam, portanto, os senhores, a relatividade do conceito de normal.

Normal, seria o mais freqüente. E' preciso porém cautela no emitir tal conceito, pois a proposição não é recíproca. *Há cousas freqüentes que não são normais.* E' necessário situá-las no espaço e no tempo.

E D U C A Ç Ã O

Há dois aspectos no conceituá-la: educação como doutrina, e educação como um fato.

No campo doutrinário, enveredamos por concepções filosóficas e os pontos-de-vista se entrecrocavam, ora exaltando o indivíduo, ora exaltando a sociedade. São os problemas dos "fins" ou dos "meios" da educação; e vimos então o que foi a educação nazista e facista.

A educação, como um fato, é uma realidade apreciável no plano social e individual. No plano social é a educação: "A ação que uma geração exerce sobre outra".

Observados os resultados da ação educativa no indivíduo, podemos concluir do êxito da aplicação de certos métodos para determinados objetivos. A educação, como técnica particularizada, terá de ser encarada pelos seus resultados, como rendimento, portanto, só mensurável pela metodologia estatística.

Para adotarmos um critério científico de mensuração de educação, devemos ter os indivíduos a ela submetidos, dentro de uma mesma unidade de doutrina, e isso só será possível numa única escola de formação.

Nessa escola teríamos a oportunidade de colocar instrutores e monitores rigorosamente selecionados e preparados para ministrar instruções pedagógicas.

Neles se desenvolveria o verdadeiro espírito experimental.

Tentando resumir as palavras do eminente prof. Lourenço Filho, diríamos: o pensamento experimental é a mola impulsora que coloca o instrutor sempre na expectativa de colher dados, estudá-los e realizar melhor.

Há mais de cinqüenta anos, Kant afirmou: "Tôda escola deveria ser experimental, no sentido de que os fatos, e as relações dos fatos, fôssem conhecidos, estudados e analisados, para maior proveito do esforço de cada docente e satisfação do trabalho dos alunos".

Essa atitude experimental viria a aproximar o real do ideal, e passaríamos do terreno teórico e subjetivo ao plano das realizações práticas.

A finalidade da escola é preparar para a vida prática. De nada vale uma escola onde se dosa abundantemente matérias de pouco uso imediato, ou onde o ensino não é prático e objetivo.

Somos pagos para servir ao público e nossa escola deve preparar o policial para fazê-lo.

Não podemos deixar de mencionar o elevado grau de educação do policial europeu, o qual, ao se pedir uma informação, a primeira cousa que nos faz é a continência. Vários falam dois idiomas, especialmente os italianos e portugueses, sem falar naturalmente nos suíços, que consideramos um verdadeiro ornamento nacional.

A educação, di-lo a Carta Constitucional:— "é direito de todos e será dada no lar e na escola".

Nossa Corporação é, em última análise, uma Escola; escola de civismo e bem comum! Não podemos nos furtar a tão elevada missão. Educando, preparando nossos homens para transmitir uma parcela de conhecimentos e disciplina. Só nesse momento eles estarão realizando algo e serão livres e terão auto-ridade.

Liberdade e autoridade são como partes de um todo. O indivíduo que ocupa um cargo e nada realiza, não tem autoridade, assim como o que diz ser livre e fazer o que quer, não é livre, mas escravo dos próprios desejos.

O princípio da disciplina emana da verdadeira autoridade e da liberdade. A hierarquia será respeitada conscientemente, quando a autoridade agir pelos bons exemplos.

VERIFICAÇÃO

A verificação dos processos educativos deverá ser constante, mediante provas objetivas, questionários e arguições.

Tal tarefa será facilmente realizável na já mencionada Escola Única, onde o indivíduo passará por todos os crivos.

No dizer escola única, encaramos a expressão com dois significados. Única quanto à chefia, ou seja a reunião dos meios em um só lugar, com um só chefe. Única quanto ao método de instrução e trabalho, ou seja quanto à doutrina.

Por meio dessa Escola formaríamos a mentalidade do nosso policial-militar, preparando-o para o exercício da profissão.

Ainda nessa Escola poderia haver uma diretoria reguladora de um programa de recuperação e recordação para o homem há muito saído da mesma. E somente essa diretoria, a par da evolução pedagógica da instrução, e em estreita ligação com o D.A.S.O.P., poderia realizar tal tarefa.

O D.A.S.O.P., em constante contacto com as unidades mais afastadas, estaria em condições de apontar os elementos dos destacamentos que deveriam passar por uma recordação intensa, junto ao pessoal especializado da sede.

Além disso, esse pessoal especializado das Unidades do interior, poderia desenvolver uma série de palestras objetivas com a exploração de casos concretos, vividos pela tropa, para conhecimento dos destacamentos mais afastados. A realização de inspeções apontaria os elementos mais fracos e necessitados de uns dias de instrução intensa, na sede do batalhão.

ORIENTAÇÃO

Problema dos mais complexos. Consiste em escolher o melhor trabalho para cada homem.

Na Fôrça não podemos seguir esse conceito em todo seu rigor, pois o nosso homem é, antes de tudo, um policial. Ele deverá ser orientado nesse sentido, isto é, para ser um bom policial.

Naturalmente se poderá harmonizar, dando-lhe dentro da Corporação uma tarefa onde melhor se encaixem suas aptidões.

Isso exige o estudo das tarefas e do homem. No momento, o D.A.S.O.P. está longe de possuir os meios necessários para tão complexa tarefa. Já temos nossos planos, mas os bons resultados ainda vão demorar.

Entretanto, si atendermos bem aos quesitos anteriores de seleção, educação e verificação, podemos afirmar que nossa tropa será invejável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentimos a vastidão e a importância do problema. Em nossa palestra, não nos foi possível senão tocar de leve e ecléticamente no assunto.

Já há algum tempo que essa semente científica foi lançada em nosso meio. Para cultivá-la será preciso a cooperação de todos.

É um convite que lançamos a superiores e subalternos que irão trabalhar no Subdepartamento Pessoal; a estatísticos e psicólogos do Subdepar-

mento Psicotécnico e aos senhores médicos e dentistas do Subdepartamento Físio-Somático.

É um convite, enfim, a todos, para cooperarem nessa obra renovadora, qual seja a de dar à Fôrça Pública homens que saberão conservar-lhe o passado de glórias, trabalhando arduamente no presente, com os olhos firmes no futuro.

E, para finalizar, lembramos, mais uma vez, que o modo de pensar do D.A.S.O.P. é o do pensamento experimental.

Estamos prontos a corrigir nossas falhas e aperfeiçoar nossos métodos. Aceitamos os conselhos e a cooperação dos que nos queiram ajudar.

Assim, encerramos com as belas palavras de Salvador de Madariaga:— "Devemos ter os olhos cheios de idealismo, mas os pés presos às realidades. Devemos saber que o caminho, em que tracemos o rumo certo, só poderá ser vencido passo a passo. Devemos conhecer o que é desejável e, dentro do rumo do desejável, praticar o que é realizável. Devemos, enfim, realizar com proveito e eficiência para que o desejável se converta em realidade".

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

— :: —

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397 — End. Teleg. «ARGUIISO» — S A O P A U L O

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Teleférico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 48-28-95 (R&DE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

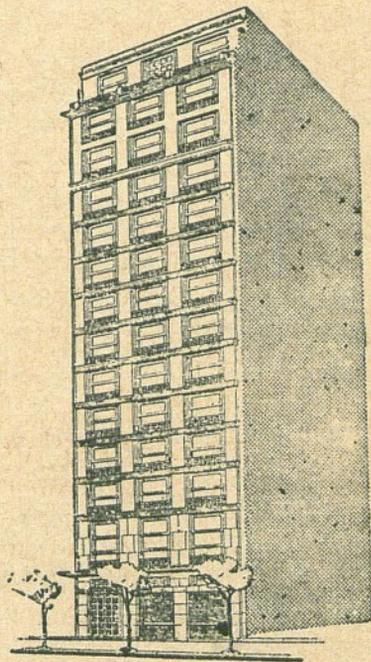
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Teleférico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

Fundamentos do Direito Penal

Ⓞ Direito Penal é comum, aplicando-se a todas as pessoas físicas ou jurídicas, mas «ratione personae» e «ratione materiae», constitui-se em especial. Daí, em não sendo o Direito Penal Militar uma exceção do Direito Penal comum é, entretanto, um ramo especial do Direito repressivo.

Já se disse que «a organização das forças armadas, a sua manutenção e a sua finalidade se apoiam numa disciplina mais rigorosa do que a necessária para a vida civil. Além disso, a honra e o caráter formados no meio em que vivem os militares, bem como os seus deveres, têm aspectos que lhes são peculiares. O medo, desculpável no civil, é imperdoável no militar. A bravura, que é uma virtude apreciável no civil, constitui condição essencial para o soldado. A desobediência, a teimosia, que em certos casos podem revelar tenacidade ou independência na personalidade do civil, constituem crime militar, porque o preparo e a ação das forças armadas exigem disciplina e uma conduta uniforme, orientada pelos chefes. Todos os deveres dos militares convergem para a defesa da pátria, por ela tudo sacrificando, se necessário fôr, até a própria vida e justo é, portanto, que sob este ponto-de-vista, a liberdade dos militares seja mais restrita que a dos civis. Ao lado do Direito Penal Comum deve haver, portanto, um Direito Penal Militar, constituindo uma legislação especial, particu-

Agnello Camargo Penteado

(Juiz Auditor Suplente da Justiça Militar do Estado de S. Paulo).

lar, orientada embora pelos princípios gerais, mas atendendo às necessidades da organização e manutenção das forças armadas e das instituições militares». S. M. Teixeira.

Os fundamentos do Direito Penal Militar devem basear-se na existência mesma das forças armadas. O fim que estas têm, a necessidade de constituir-se independentemente da ordem civil, exige que existam normas diversas, reguladoras da condição militar. Assim, o que primeiro se requer nas forças armadas, é a observação das leis e regulamentos, virtude que se chama disciplina. As forças armadas constituem uma sociedade que, por razão de sua existência e do fim que lhe é consagrado, necessita de uma grande solidariedade que só se consegue com a disciplina forte, rígida, inflexível. E' por isso que o dr. Ricardo Calderon Serrano, define o Direito Penal Militar como o conjunto de princípios, normas e disposições legais que para a proteção da disciplina militar fazem seguir ao delito, que é a infração, a imposição ao culpado da pena, que é a sanção.

Como observa J. Honório Silgueira, não seria possível, sem confundir noções essencialmente distin-

tas, e sem afetar profundamente a organização do Estado, entregar aos princípios e disposições da lei comum, as relações jurídicas que as forças armadas produzem. A sua instituição exige fórmulas legislativas expressas, inteiramente próprias e diversas das que correspondem à sociedade em geral. As forças armadas têm uma missão especial que não pode ser cumprida senão por elas.

Em linhas gerais, essas também as considerações expendidas pelo clássico João Vieira, lembrando que a jurisdição militar não é um privilégio pessoal, nem uma prerrogativa de corporação ou seita, mas é ordenada sobre a essência do serviço militar, o qual não admite que a disciplina fique perturbada ou enfraquecida, que sejam subtraídas aos chefes militares a vigilância sobre as ordens, a subordinação e o Juízo das violações delas.

Observa, por sua vez, o insuperável João Barbalho, que a existência das forças militares liga-se à existência da nação, como garantia de sua independência e segurança, — e sem uma exata e constante disciplina não cumprirão elas seu importante fim. «Sem disciplina não há subordinação nem segurança; ela é a vida e a força dos exércitos». E sem uma jurisdição própria, privativa, militar também, essa disciplina seria impossível. Além disso, a infração do dever militar por ninguém pode ser melhor apreciada do que por militares mesmo; eles, mais que os estranhos ao serviço das forças armadas, sabem compreender a gravidade da violação e as circunstâncias que podem modificá-la.

Enfim, como argumenta Claude Picard, «le principe fondamental est le suivant: un inculpé ne peut être jugé que par ses pairs ou par ses supérieurs».



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

Coisas da Força Pública

Cel. Anchieta Torres

VOLUNTÁRIO DE MANOBRAS N.º 1



A revolta de 5 de julho de 1924, nesta Capital, colheu, já o tenho dito muitas vezes, a Força Pública de surpresa.

Desenrolando-se a luta, que se seguiu àquele dia, nas ruas do maior centro industrial da América do Sul, paradoxalmente, foi quando mais necessidades a tropa passou.

No que se refere ao serviço de saúde, foi uma miséria. A Força possuía, na ocasião, sete médicos efe-

tivos e dois contratados. Entretanto, ao se retirar para os arredores da cidade a fim de se refazer, após cinco dias de luta desigual no centro, viu-se privada de seus médicos que, mal interpretando ordens recebidas ao iniciar-se a luta, deixaram-se ficar no H.M., quando seu dever seria ter acompanhado a tropa retirante. Passamos a contar, então, com a dedicação de um acadêmico de medicina, o hoje dr. Nogueira Martins, que pôs toda sua boa vontade a serviço dos nossos combatentes.

Assim permanecemos até o dia 15 daquele mês, quando, pela manhã, apresentou-se no P.C. do cel. Pedro Dias, nos altos de Vila Clementino, um voluntário, reservista do E.N., que desejava combater os rebeldes, ao lado da Força Pública do Estado.

Quando era qualificado para o alistamento, ao se lhe perguntar a profissão, declarou: médico!

Foi-lhe entregue imediatamente a direção do nosso posto de saúde e, da sua competência profissional, humanidade e interesse pelos nossos soldados, são testemunhas aquelas que lhe passaram pelas mãos e os chefes que tiveram a ventura de observá-lo.

Terminada a luta na Capital, seguiu para o Estado do Paraná, juntamente com o 2.º B.C. e, desde então, em tôdas as campanhas em que a nossa Corporação se viu empenhada, lá estava o voluntário de julho de 24.

Em 1925, com a reorganização do nosso serviço de saúde, ingressou nas fileiras da corporação, fêz carreira, passando à reserva no posto de coronel.

Agora, quando ao lado dos seus gozava de merecido descanso, foi sacrificado num estúpido desastre au-

tomobilístico em estrada que se está celebrizando pelo número de vítimas que vem causando, tendo recebido, da Fôrça Pública, as honrarias a que fêz jus.

«MILITIA», por intermédio de seu diretor, que teve a honra de conhecê-lo desde o seu ingresso, em plena luta nas fileiras da tropa bandeirante, presta ao saudoso cel. médico dr. JAIME CARDOSO AMERICANO, que também foi, quando acadêmico de medicina, o voluntário de monobras n.º 1, do E.N., após a vitoriosa campanha cívica de Olavo Bilac, as suas sentidas homenagens.

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Interromperei, provisoriamente, a partir do presente número, na seção "COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA", a rememoração de fatos passados que vinha mantendo, ininterruptamente, desde o número 10 de "MILITIA".

E o farei por dois motivos principais: primeiro, porque há excesso de originais diversos em nosso poder que precisam ser publicados, não sendo justo preteri-los por trabalhos de gente da casa e, principalmente, pela observação feita num destes últimos dias e que me deixou acabrunhado: de tanto falar em coisas antigas, eu, que sempre procurei viver a época atual, estava me situando em dias passados há dezenas de anos!

Imaginem os leitores que, certa manhã, enquanto me preparava para fazer a velha carcassa abandonar o aconchêgo gostoso da cama, vi-me pensando: que tal se a nossa querida Fôrça Pública voltasse aos velhos tempos da espingarda de adarme e da gravata de couro?

Levei um susto e pulei da cama. Estava decidido. Não mais escreveria sômente sôbre coisas do passado, por que nem só de tradição se vive. Ao contrário. Precisaria tratar do presente, visando o futuro. Carunchado é que não quero ficar. Velho sim. Retrógrado nunca!

Assim, leitores, quando eu julgar que já estou com o espírito, suficientemente arejado de tanta velharia, voltarei. Voltarei e procurarei, através de "COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA", ser útil à Corporação a que pertencemos, como lhe tenho sido útil, modéstia à parte, através dos meus quarenta e poucos anos de serviços bem prestados.

Veza por outra escreverei sôbre o passado. Contentarei, assim, a tendência passadista que há em mim, latente, e continuarei a dar às novas gerações o ensinamento do que nos foi legado pelos que nos antecederam.

O PROBLEMA DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Os dois problemas básicos da Filosofia da História, são: — 1.º — se se pode conhecer o fato histórico e — 2.º — se o conhecimento histórico é de ordem objetiva ou subjetiva. A resposta à primeira pergunta decidirá, logicamente, se se pode ou não propor-se o estudo da História como pesquisa da verdade. As alternativas apresentadas na segunda pergunta serão retomadas sob várias formas e serão ponto de partida para mui diversas concepções da História. Tentemos indicar em traços muito gerais a evolução do espírito humano em face desses problemas.

Podemos pressupor como geral a todos os homens, em grau maior ou menor, uma preocupação pelo passado que transcende sua existência e que é vivo para ele, na pior das hipóteses, sob a forma de uma tradição oral e, mais do que isso, de uma organização de vida que, ao nascer, cada um de nós encontra como uma herança de gerações anteriores, cujas crenças, pensamentos e aspirações nela se refletem. As perguntas suscitadas por esse interesse pelo passado entre povos primitivos, dificilmente poderão ser respondidas quando se tratarem de acontecimentos antigos de algumas gerações. A experiência do passado para a mentalidade primitiva é retida pela tradição sob a forma de mitos, isto é, histórias de valor simbólico cuja ação se desenvolve num tempo inde-

PAULO PEREIRA DE CASTRO

Licenciado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo

Prof. de História Geral e História do Brasil, do Curso Preparatório da Escola de Oficiais do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Força Pública.

terminado ao qual vagamente se refere como «no tempo antigo» ou «no princípio». Mais do que isso, é próprio da mentalidade primitiva considerar os fatos mais simples de sua experiência quotidiana como o resultado da ação de espíritos ou conjunturas mágicas, e por isso suas tradições se resumem a uma série de relatos em que raros elementos autênticos se mesclam a uma grande massa de fábulas.

Esse fato pode ser observado entre qualquer povo selvagem e, ainda que em menor grau, nas mais antigas civilizações. Ainda que possamos, hoje, colher consideráveis elementos de evidência histórica nos monumentos que essas civilizações nos deixaram, elas próprias não chegaram a encarar o passado sob um ponto-de-vista histórico. Só na Grécia e tardiamente — no V sec. A.C. — é que veremos aparecer, com Heródoto, o problema da História, isto é, o problema da investigação do passado baseada na evidência, e, acima de tudo, focalizando a atividade do homem como elemento determinante

no desenrolar dos acontecimentos. Conquanto cheio de ingenuidade e credulidade, Heródoto muito se aproximou do ponto-de-vista historicista moderno, acreditando poder explicar o presente pela investigação do passado e vendo, na História, um sistema de conhecimentos verdadeiros. No entanto, particularmente sob esse último aspecto, constituiu uma exceção, foi único em todo o mundo greco-romano. Não que sua obra tenha permanecido sem continuadores. Tucídides e Políbio foram, sem dúvida, historiadores de agudíssima inteligência, mas... não acreditavam na História. Tanto um como outro, consideravam a História não propriamente como parte do sistema geral de conhecimento, mas como uma espécie de conhecimento em grau inferior, baseado em opiniões e não em verdades. Com efeito, na medida em que a tiveram, a Filosofia da História dos Gregos e dos Romanos limitou-se a responder negativamente à primeira questão, concluindo que a realidade histórica não é cognoscível.

Ao pensamento grego coube a grande tarefa de sistematizar o raciocínio, criando a matemática e a lógica, mas os autores helenos, como que esgotados ou talvez maravilhados com sua descoberta, jamais foram capazes de libertar-se de uma forma muito restrita de concepção do conhecimento, que podemos designar como substancialismo. Por isso se entende que só se pode conhecer a substância das coisas, isto é, a sua idéia pura, se despidas de todos os acidentes individualizantes. Não se pode conhecer uma árvore, mas, tão somente, a idéia geral de árvore. O conhecimento de uma coisa individualizada não seria possível pois.

como tudo no mundo real, essa coisa está sempre mudando e, portanto, sempre se tornando outra. O conceito de que o Universo é permanente transformação, poderia ser o ponto de partida para a compreensão da realidade histórica se os gregos, com exceção de Heráclito, não o houvessem formulado de maneira simplesmente negativa: o que se transforma nega a si mesmo, constitui-se uma contradição e é, portanto, um absurdo.

Essa atitude de incompreensão ante a realidade histórica, reflete-se na historiografia antiga que é encarada como atividade simplesmente literária e retórica. Escreve-se a História como uma ilustração moral e cívica, e é bem sintomático que ela tenha sido posta sob o patrocínio de Clio, a primeira das nove musas e que patrocinava também a poesia épica como a musa de celebração. A História do mundo antigo foi, acima de tudo, um relato de feitos memoráveis ou a evocação de figuras merecedoras de serem tomadas como exemplo.

Ao humanismo abstrato do pensamento antigo, opõe-se o teocentrismo igualmente abstrato do pensamento medieval. A História é o plano de execução dos designios de Deus. O homem não é, na Terra, mais do que mero agente da vontade divina e seus propósitos não podem prevalecer contra ela. Os designios de Deus são transcendentais, e assim a essência da História é estranha a ela própria. Compreender sua marcha é compreender a vontade divina e, por isso, ao pensador medieval não interessava procurá-la na própria História, mas no próprio conhecimento dos atributos de Deus, concên-

trando-se, pois, nas especulações teológicas. Dessa forma, por motivos muito diversos dos que levaram o pensamento clássico a negar a realidade histórica, os medievais deixaram de incluir a História no campo do conhecimento sistemático e deram, à sua historiografia, um caráter de evocação laudatória de reis ou dinastias ou de relato edificante, procurando apresentar nos fatos históricos a manifestação da vontade divina. Um aspecto do pensamento histórico medieval foi, no entanto, particularmente fecundo. Sendo a História a manifestação da vontade do Deus Único, o Deus de todos os homens, era concebida com um caráter universalista que se traduziu praticamente pela noção de eras históricas, com valor universal. O sistema cronológico baseado no nascimento de Cristo, proposto por Isidoro de Sevilha, constituiu um grande passo para o estabelecimento de uma historiografia científica.

O Renascimento marca uma volta à concepção humanística da História, mas não no mesmo sentido do humanismo antigo. A História é a manifestação da natureza humana que consiste, acima de tudo, de impulsos e paixões. Bacon, que classificou os ramos de conhecimento segundo as faculdades da mente, considerou a História como um dos três grandes setores do conhecimento, a qual que corresponde à memória. O movimento racionalista do Sec. XVII, representado exponencialmente por Descartes, vem, no entanto, abalar esse conceito precário da História. Em seus Discursos sobre o Método, Descartes nega à História um lugar entre as ciências, conquanto a julgue útil para a educação. Ele

enumera uma série de motivos que conduzem o historiador ao erro quando tenta reconstituir fatos passados. A crítica cartesiana teve fecunda influência no desenvolvimento da historiografia, particularmente da filologia crítica. Contra a crítica cartesiana, o pensamento do Século XVIII oporá duas correntes de pensamento filosófico, cujas inferências continuam claramente sensíveis nas diversas direções do pensamento histórico de nossos dias. Uma delas é o empirismo, representado por Locke, Berkley e Hume, e continuada pelo movimento, antes panfletário que filosófico, do Iluminismo. A outra é representada pelo historicismo de Vico, o grande filósofo italiano a quem, sem dúvida, cabe o mérito de ser o verdadeiro fundador da Filosofia da História.

Os empíricos respondem à crítica cartesiana afirmando não haver idéias inatas: tôdas as idéias são produto da generalização da experiência. A mente humana não pode libertar-se da dúvida em qualquer ramo do conhecimento, mas pode alcançar um grau prático de certeza. Preocupados em estabelecer uma teoria política, aproximar-se-ão muito dos problemas históricos sem penetrar, pròpriamente, no terreno da Filosofia da História. Sua teorização política, fundada na princípio do egoísmo humano, será o ponto de partida para as primeiras teorias referentes diretamente ao problema histórico, formuladas pelos representantes do Iluminismo, particularmente por Voltaire. Para os Iluministas, o passado estava cheio de erros decorrentes da vida humana em pleno irracional. Superstições, preconceitos, desigualdade entre os homens decorriam

da ignorância e do obscurantismo do passado e êsses eram representados pela religião. Voltaire resume essa atitude na conhecidíssima apóstrofe «écrasez l'infâme», que exprime o sentido polémico do Iluminismo. Com Voltaire é que aparece a expressão Filosofia da História. No entanto, estava êle muito longe de qualquer proposição filosófica da problemática da História. Êle entendeu por Filosofia da História, uma análise interessada do passado, visando provar a necessidade da secularização do conhecimento e do Estado.

O Iluminismo desenvolve-se também como um movimento utópico e messiânico, prevendo o mundo perfeito do amanhã quando se implantarem entre os homens as normas ditadas pela razão, ou como um movimento de análise do passado, tendo em vista a formulação de leis que devem reger os povos. Condorcet e Montesquieu, representam respectivamente uma e outra direções. Para Montesquieu, o estudo da História deveria levar a uma verdadeira física social, que estabelecesse as leis «como relações constantes derivadas da natureza das coisas». Considerando que o homem age sob impulsos irracionais, baseia sua concepção da História num estrito mesologismo, isto é, considera a História como uma simples manifestação das influências geográficas que determinariam a índole dos diferentes povos.

Nascido do Iluminismo, Rousseau introduz a concepção romântica da História. Inicialmente um simples desenvolvimento do Iluminismo, preconizando não a ilustração dos princípios, como o fazia Voltaire, mas a ilustração do povo, como meio de

chegar à idade da razão, a concepção rousseauneana da História seguirá direções completamente novas. De sua teoria pedagógica surge a comparação entre a vida dos povos e a vida humana e, com isso, o profundo simpatetismo pelas épocas primitivas, correspondentes à infância dos povos; e o passado começa a ser olhado não como uma fase do obscurantismo condenável, mas como um antecedente necessário do presente, para o qual êle, inevitavelmente, derivaria. Isso importa, portanto, numa concepção da História como um processo construtivo e progressivo. Êsse ponto-de-vista, combinado com a atitude anticartesiana do empirismo, vai ressurgir nos fins do século XIX, com o movimento positivista. Voltemos, porém, atrás, e examinemos a outra corrente anticartesiana do século XVIII, o historicismo de Vico. Giovanni Batista Vico, nascido em Nápoles em 1668, após longos estudos da História da Jurisprudência, apresentou ao mundo, em 1725, os «Principii d'una scienza nuova», em que pela primeira vez a problemática da História é tratada como problema frontal de um grande pensador. Vico responde à crítica cartesiana, afirmando a cognoscibilidade da História, baseando-se no caráter subjetivo que atribui a essa. Só se pode compreender aquilo que se cria, afirma Vico. Só Deus pode compreender a Natureza, pois foi quem a criou. O homem nada mais pode do que criar leis e relações abstratas sôbre suas impressões da Natureza. A matemática é compreensível porque se refere a criações do espírito humano. Podemos, por exemplo, compreender as propriedades de um triângulo por-

que essas propriedades estão implícitas na idéia de triângulo que nós fizemos. Da mesma forma, prossegue Vico, podemos entender a História porque a História é uma criação da mente humana. A História consiste não em simples fatos, como os fatos da natureza. Mais do que fatos, o fato histórico é, acima de tudo, ato, isto é, manifestação criadora da vontade humana. Dessa forma nos são inteligíveis, línguas, costumes, leis, governos, sistemas mentais, etc., como manifestações da capacidade criadora do homem. Há uma harmonia pré-estabelecida entre as mentes de todos os homens, resultante da natureza humana comum a todos. Assim a «Scienza nuova» de Vico, para a qual se aplicaria o termo de Filosofia da História criada por Voltaire, apresenta-se, ao contrário de um conhecimento imperfeito, ou de um conhecimento com simples grau prático de certeza, apresenta-se, dizíamos, como o conhecimento por excelência, o único conhecimento real.

Vico, baseando-se no estudo da evolução da jurisprudência, pretendeu reconhecer na História uma estrutura cíclica, uma lei de três estados, que ele designou como divino, heróico e humano. A primeira fase, a fase divina, é a fase do pensamento poético contido implícito nas crenças de um povo e a última fase, é a fase dita do «pensamento oculto», na qual as idéias confiadas ao homem pela divindade se desenvolvem como sabedoria filosófica. A preocupação de reconhecer fases obrigatórias na História, valeu-lhe a classificação indebita de criador do «Fatalismo Histórico».

As idéias de Vico passaram despercebidas em sua época. Só nos fins do século XIX, suas obras seriam redescobertas e teriam seu valor devidamente reconhecido. Enquanto isso, paralelamente ao movimento romântico, desenvolvia-se um poderoso movimento filosófico, o idealismo alemão, que reservou importante campo para a Filosofia da História no âmbito de suas cogitações.

O movimento idealista alemão concentrar-se-á, principalmente, sobre o problema das relações entre a História e a Natureza. Sendo a Natureza a realidade externa sobre a qual se aplica a mente e o homem uma parte da mesma Natureza, que posição ocupa a História em relação a ela? Mas a História é, antes de tudo, o resultado da atividade do espírito e, pelo espírito, separa-se o homem da Natureza. Entre a História e a Natureza haveria continuidade? Haveria oposição? Herder opta pela continuidade. A Natureza passa por processos progressivos de especialização, até chegar ao homem. O homem é a parte final do processo pois, por sua vida racional e moral, constitui um fim em si. Ele é, ao mesmo tempo, o liame entre o material e o espiritual, pois participa das duas ordens. Mas, dentro da própria humanidade há novas especializações, de que resultam as diversas raças, de acordo com as características da Natureza nas diversas regiões do Globo. Na Europa, a humanidade especializara-se no sentido histórico, sendo as raças brancas da Europa as únicas capazes de viver segundo as formas superiores da razão. Para Kant, a História participa ao mesmo tempo da Natureza



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

e do Espírito. Como nomenos, isto é, como coisa em si, os fatos históricos são regidos pela razão moral, mas como fenômenos, isto é, enquanto vistos por um observador, são regidos por leis naturais que podem ser determinadas pela observação, assim como qualquer lei natural. No entanto, Kant vai mais longe, propondo uma interpretação idealística da História, como evolução da mente humana para a racionalidade e para a liberdade pressuposta na natureza moral do homem. De uma parte a História é o processo de conquista da liberdade, pelo qual o homem emerge da Natureza para o mundo das idéias morais. Além disso, é ela uma exigência da racionalidade, pois a razão não se pode realizar no decurso de uma única vida humana. O homem, movido por seus sentimentos inferiores de cobiça e ambição, penetrou na História abandonando o primitivo Estado Natural. Como plano para o estudo da História, Kant preconiza uma aliança entre historiadores que considerem o fato histórico enquanto fenômenos, e o filósofo que o considere enquanto nomeno, um que estude o fato como um espetáculo presenciado, e outro que o considere como uma realidade subjetiva. Filósofos e historiadores descreveriam a evolução do espírito humano e indagariam da direção futura de seu desenvolvimento. Schiller aceita as linhas gerais do caráter dualista da História segundo a formulação de Kant, mas rejeita a idéia de uma projeção para o futuro do pensamento do historiador-filósofo. A História não deve, para ele, descobrir as direções do espírito humano, mas tão somente tentar ex-

plicar o presente pela compreensão do passado. Fichte rompe resolutamente com o dualismo kantiano e afirma a subjetividade da História. A História é um desenvolvimento lógico, ou melhor, um processo dialético. Concordando com Kant, que ela é também o desenvolvimento de um plano, considera cada época como a consubstanciação de uma idéia. Uma idéia encadeia-se com a seguinte, mediante oposição, e por fim uma terceira supera as duas abrangendo em si própria uma e outra. Ao suceder dos acontecimentos segue a fórmula dialética de Tese, Antítese e Síntese. A primitiva liberdade anárquica opõe-se a liberdade organizada sob a autoridade, esta é superada pela revolução que não é a destruição da autoridade, mas sua atribuição aos que são governados, e por fim, num último estágio, o do presente (da época de Fichte), a oposição entre a revolução e a autoridade é superada pela contra-revolução, a fase em que os homens se submetem à ciência. Nessa fase, compreendendo que a destruição dos tiranos não implica na destruição dos fatos que os haviam criado, o homem, realizando a harmonia entre a natureza e a mente pela arte, inclina-se ante a natureza não por compulsoriedade, mas por amor e simpatia. Fichte considerava seu tempo como a culminação da História e, enquanto ingênua, essa idéia foi fecunda, pois contribuiu para o desenvolvimento do conceito de História como uma realidade permanentemente relativa ao momento.

Hegel retoma a idéia de Fichte, de História como processo dialético. Inicialmente estabelece a oposição entre História e Natureza. A Natureza,

para Hegel, tem um caráter cíclico, enquanto a História é progressiva. A Natureza constitui-se de fatos sem pensamento, e a História de atos que são produtos da natureza racional do homem. O homem vive dentro da Natureza, mas sendo um ser capaz de pensamento, pode pensar as idéias racionais que préexistem a ele, e sua ação é uma ação dirigida pela razão. O homem é, a cada momento, um ser racional com pensamentos de um ser passional (enquanto natureza) e um ser passional com paixões de um ser racional. A razão modela a paixão que é a manifestação do homem enquanto natureza. Estamos longe, portanto, quer da concepção puramente racionalista do homem, quer da interpretação dos empiristas para os quais o homem era acima de tudo paixão e impulso. A dialética de Hegel, diferente da de Fichte, é um processo interno dentro de cada homem: a mente humana é o resultado da oposição entre o pensamento (idéias pré-existentes ao homem) sobre a natureza do homem. O homem não é um ser racional exclusivamente — é um ser de vontade. Dessa forma os acontecimentos na História não são ligados entre si como relações causais, isto é, como fenômenos observados de fora, mas encadeam-se internamente como pensamentos encadeados. O presente é o ponto final da História para Hegel pois, além dele, nada mais aconteceu. Sobre o futuro, diz ele, só podemos encontrá-lo com esperança ou temor, e esperanças e temores não são fatos históricos. Marx pretendeu retomar a dialética hegeliana como elemento da compreensão da História. Ele elimi-

nou na dialética de Hegel a préexistência do pensamento e toma como ponto de partida a natureza. As condições de vida determinam o pensamento, e assim o fio condutor da História torna-se não mais o próprio pensamento, mas a economia cujas transformações se refletirão na mentalidade de cada época. Baseando-se em profundos estudos de história econômica, Marx pretendeu reconhecer três fases fundamentais na História, de acordo com as condições econômicas: comunismo primitivo, capitalismo e socialismo. O pensamento marxista deriva para o campo da política, mas continua a exercer forte influência na historiografia de nossos dias. Marx representa a volta do movimento idealista alemão para um realismo de índole não distante da do empirismo, submetendo a História à condição das ciências naturais, preconizando que seu estudo seja feito de forma objetiva.

A mesma tendência é apresentada pelo Positivismo. Os estudos históricos se reduzem nos fins do século XIX a um monografismo estreito, meritório todavia, pois acompanhado de intensa atividade no setor da arqueologia, seguindo as normas próprias das ciências naturais. Augusto Comte, levando muito longe a assimilação da História às ciências naturais, propõe mesmo sua substituição por uma nova ciência que ele intitula a Sociologia, a qual deveria constituir-se em cúpula do sistema científico como o estudo das leis gerais da evolução e do pensamento humanos. Essa nova ciência teve brilhante futuro mas não substituiu a História, que é um campo de conhecimento de caráter inteiramente

diverso. A reação contra o exclusivismo realista do positivismo partiu, principalmente, da filologia crítica a qual, pode-se dizer, foi o ponto de partida para a História científica de nossos dias. Característica do pensamento positivista era uma série de preconceitos entre os quais, o mais insistente e persistente, é o que se chama de progressismo. O progresso, no sentido de aperfeiçoamento e aprimoramento constantes, era tácitamente considerado como uma propriedade inerente ao tempo. O evolucionismo positivista admitia que pouco a pouco todas as coisas tendiam a transformar-se, num sentido de melhoria, refletindo o espírito otimista resultante da esplêndida prosperidade material, experimentada pelo mundo ocidental no último quartel do século passado. Mas, ao mesmo tempo, desenvolvia-se, na Alemanha, uma tendência em sentido oposto: Rickert, Simmel, Dilthey e Meyer, desenvolveram brilhantemente a crítica do naturalismo positivista, retomando a tradição do movimento idealista alemão. Para Rickert, as ciências se classificam em quatro grandes grupos: não valorizantes e generalizantes, ou puras ciências naturais; não valorizantes e individualizantes, ou ciências semi-históricas, como a geologia, a paleontologia, a biologia da evolução, etc.; valorizantes e generalizantes, ou ciências históricas tais como a sociologia, a economia, etc. e, por fim, como o mais alto grau do conhecimento, as ciências valorizantes e individualizantes, que são a História propriamente dita. Antes de Rickert, Windelband havia, no mesmo sentido, classificado a História como uma ciência idiográfica em oposição às nomotéticas,

ou ciências no sentido geral — uma tratando da descrição de fatos individuais e outra de leis generalizantes. Simmel reafirma a subjetividade da História, considera-a como um campo do conhecimento que trata de atividade do espírito e de personalidades, podendo, portanto, ser concebida pelos historiadores, que são eles próprios espíritos e personalidades. No entanto, Simmel não consegue fundamentar a subsistência da História como verdade e não simples construção subjetiva. Dilthey, vai um passo mais adiante reconhecendo o caráter introspectivo da atividade do historiador. Os dados documentais permitem ao historiador reconstruir em si mesmo a atividade espiritual da qual tais dados resultaram. No entanto, Dilthey, por distinguir a vida, como imediata experiência, de pensamento e reflexão, e por considerar que de nossas próprias experiências não temos mais do que sentimentos e impressões, chegou diante de uma situação insolúvel: a imediata experiência não se transforma em conhecimento. Para contornar o problema, Dilthey propõe a análise psicológica como base de interpretação da História, reduzindo com isso o conhecimento histórico a uma sistematização de tipos de estrutura psíquica. Por pontos de vista semelhantes, Bergson, na França, concluirá pela impossibilidade da História, muito embora, pela sua conceituação de organização temporal da consciência, segundo a qual o presente engloba o passado que continua a existir no presente, Bergson foi um dos mais eminentes precursores do moderno historicismo.

A crítica dos pontos-de-vista positivistas coube, principalmente, a

Meyer. A concepção positivista, aponta êle, elimina da História o acaso, o livre arbítrio, as idéias, aspirações e concepções humanas. A História reduzir-se-ia a estabelecer, segundo certas ordens, tipos de vida psíquica e social. No entanto, Meyer não se libertou de um ponto-de-vista objetivo, pretendendo ver no fato histórico um mero fato ligado a outros por linhas de causalidade, da mesma forma que os fatos naturais.

As correntes contemporâneas podem ser, um pouco simplistamente, grupadas nos seguintes setores: correntes anti-historicistas; reminiscências positivas e historicismo subjetivo.

O mais conhecido representante do anti-historicismo em nossos dias, é Bertrand Russel. Para êle, a mente humana só pode conhecer o que é externo a si própria. O conhecimento, diz êle, é a relação entre a mente e o objetivo, enquanto que a própria atividade de conhecer não pode ser objeto de conhecimento. Tudo o que podemos conhecer está fora da mente e constitui o campo da natureza, o que implica numa negação da capacidade da mente para compreender a História. Essa atitude, de uma certa forma é o prolongamento do realismo peculiar ao pensamento europeu do século passado, diferindo d'êle por ser um anti-historicismo consciente — é antes um ceticismo em face da História, que uma falta de consciência do problema histórico. Menos consciente do problema histórico e, ao mesmo tempo, menos céptica em relação a êle, é a corrente do historicismo objetivo, cujos mais conhecidos representantes são Oswald Spengler, na Alemanha, e Arnold Toynbee, na Inglaterra, que tenta-

ram levar a cabo o programa positivista de aplicar-se à História, a mesma metodologia geral das ciências naturais.

Oswald Spengler apresentou no fim da 1.ª guerra mundial, uma obra baseada em densa erudição — «Der Untergang des Abendlandes» — «A Decadência do Ocidente» — que foi um dos livros mais discutidos dos últimos tempos. Para Spengler, não há continuidade histórica indefinida. Há uma sucessão de culturas impenetráveis, umas em relação às outras, mesmo quando contemporâneas. Cada cultura caracteriza-se por uma certa interpretação do Universo, a qual contém, em si própria, como uma semente a futura árvore, tôdas as possibilidades de desenvolvimento mental. A partir dessa concepção fundamental, desenvolve-se um ciclo que é idêntico para tôdas as culturas, compreendendo uma fase de desenvolvimento, uma fase de plenitude, ou período clássico e, por fim, uma fase de realização material com negação dos valores mentais em torno dos quais organizou-se a cultura, que cederá lugar ela mesma a uma fase póstuma, indefinida, na qual estão mortos todos os valores culturais, passando o povo que criara a cultura para uma situação não-histórica, uma simples vida vegetativa, à condição denominada por Spengler de povos «felahs».

O fatalismo spengleriano é tão restrito que, baseando-se na morfologia histórica que o estudo das culturas anteriores permitiria traçar, seria possível prever-se o desenvolvimento futuro de qualquer cultura atual. O título de sua obra já constitui em si mesmo uma aplicação disso. Spengler crê reconhecer si-

nais inequívocos de decadência na civilização ocidental, cujo termo como vida cultural estaria próximo. O estudo da História, para Spengler, deveria reduzir-se a uma análise morfológica das diversas culturas. Como partes de uma cultura diferente, ser-nos-ia sempre estranho o pensamento de outras culturas. A obra de Spengler, depois de alguns anos de grande repercussão, passou a sofrer o ataque sistemático de tôdas as correntes e, o que nos parece mais grave, uma verdadeira rejeição para o campo do charlatanismo e do embuste. De nossa parte, acreditamos que a despeito de lapsos de raciocínio e de distorções da realidade, ela é uma obra fecunda e merecedora do mais demorado exame, pois contém inúmeros pontos-de-vista que poderão ser retomados e submetidos novamente a exame.

Arnold Toynbee, cuja obra «Study of History» foi publicada na década de 30, tenta, como Spengler, fazer um estudo morfológico da História. Como Spengler, êle não considera a História como um desenvolvimento contínuo, mas como uma sucessão de grandes sociedades, grandes divisões unitárias da espécie humana. Vivemos na sociedade da Cristandade Ocidental. Há uma sociedade bisantina ou Cristandade Oriental. Outra grande sociedade é a sociedade Islâmica, e assim por diante. Podemos identificar a existência pretérita de algumas sociedades desaparecidas, verdadeiras sociedades fósseis. A tarefa fundamental do historiador é, para Toynbee, reconhecer essas grandes sociedades e determinar as relações entre suas diferentes culturas internas — as relações paroquiais dessa socieda-

de, segundo Toynbee — bem como as relações entre as diversas grandes sociedades, umas com as outras — as relações ecumênicas. As sociedades podem ser primitivas ou civilizadas. Estas, menores em número, sobrepõem as primeiras pela extensão. Não há, para Toynbee, «a civilização», mas diferentes civilizações. As diversas civilizações podem ser ligadas entre si por filiação, como a nossa própria à greco-romana ou, por parentesco, como a nossa e a bizantina. A maturidade de uma civilização é representada pela sua unificação sob um Estado e uma Igreja universais. O fim de uma civilização decorre da pressão de duas ordens de forças: o proletariado interno, a massa humana que da civilização em que vive só participa fisicamente, e o proletariado externo, os bárbaros que vivem na periferia da sociedade. Mais conscienciosa que a análise de Spengler, a de Toynbee representa a incidência no mesmo erro de princípio fundamental — pretendendo estabelecer uma filosofia da História, êle não faz mais do que traçar um panorama antropológico, segundo um método não ortodoxo.

O maior representante da Filosofia da História em nossos dias foi, sem dúvida, Benedetto Croce que, como Vico, viu em Nápoles seus primeiros dias. O pensamento de Croce foi formulado através de uma série de obras a partir de 1893 até às vésperas da última guerra mundial. Inicialmente, êle rompe com tôda a tradição anterior que consistia em discutir a posição da História em relação às demais ciências, negando seu caráter científico, embora afirmando seu valor como matéria de conhecimento. Em seu primeiro li-

vro «A História submetida ao conceito geral de arte», Croce, depois de definir a arte como visão intuitiva da individualidade, em oposição à ciência que é a visão da realidade enquanto generalidade, êle assimila a História ao conceito de arte, definindo-a como intuição e representação do individual. No entanto, reconhece que a História não pode ser totalmente assimilada à arte — a História, distingue êle, refere-se ao realmente acontecido, enquanto que a arte, ao possível. Numa segunda obra, a «Lógica», êle retomará essas cogitações em novo sentido: no pensamento implicam-se mutuamente o universal e o individual — êle tem como objeto o particular e como predicado o universal. A filosofia não é mais do que o elemento universal de um pensamento que é particular. Os conceitos da ciência, como generalizações, são simplesmente ficções ou pseudo-conceitos. Por meio de pseudo-conceitos, transformamos a realidade, que é uma seqüência de acontecimentos cognoscíveis por nossa mente histórica, em natureza que é uma imagem estática e intemporal. A História apresenta-se, então, como o auto-conhecimento da mente que contém, em si própria, o passado.

O objeto da História é o passado sobre o qual temos evidência histórica, isto é, o passado que faz parte de nossa experiência mental. Opõe-se à História a simples crônica, nada mais do que relatos de acontecimentos sem nenhum significado de experiência presente. Dessa forma, grande parte da História erudita se reduz à crônica, pois não passa de organização de testemunhos sobre um passado cuja incorporação à nossa experiência não é identificável. As idéias de Croce foram retomadas e desenvolvidas, R. G. Collingwood e podem ser apresentadas como características dos pontos-de-vista historicistas modernos. A Filosofia da História constitui um dos campos de maior interesse para o pensamento contemporâneo, e em torno de seus problemas básicos é que tomam posição as principais correntes dêste. A oposição entre os que consideram a história subjetivamente, como o passado do incorporado na experiência vital do presente, e os que a consideram objetivamente, como uma série de fatos externos à mente, sobre várias modalidades, continua vigente, pois corresponde a duas exigências muito diversas em relação ao passado.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

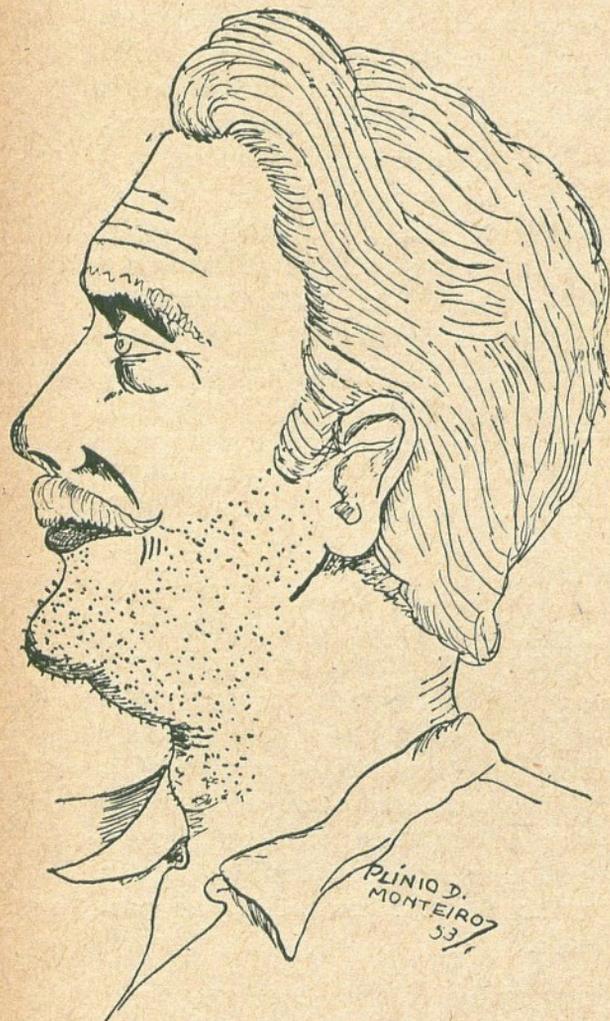
MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

SE EU FÔSSE PINTOR

Cap. Plínio D. Monteiro
Ilustração do autor



FELIZMENTE para a Arte, e infelizmente para mim, não sei mesmo borrar uma tela. Mas, si eu fôsse pintar, ali estava um modêlo para uma soberba «cabeça de velho».

Sim, havia algo de altivez naquela testa larga coroada por uma basta cabeleira branco-sujo. Fisionomia inteligente, de traços tipicamente latinos, onde não faltavam itálicos olhos azul-celestes. Talvez ti-

vesse sido um pescador, em Nápoles; ou um escultor no Quartier-Latin. Talvez um plantador de batatas em Portugal, ou, quiçá, um estudante boêmio em Coimbra. Mas, quem sabe si não viera dali bem perto, da Itália Paulista — a rua Caetano Pinto. (Dizem que existe até «gangster americano» nascido em S. Paulo. Não sei se será verdade).

Voltemos ao homem. Era um velho, porque era um vagabundo; seria, entretanto, um senhor de meia idade, se tivesse conseguido se situar na vida. Caminhava morosamente, como caminham sempre os individuos sem horário, sem destino certo. Nem ir para casa precisava, que sua casa era tôda a cidade gigantesca. Num desvão dum arranha-céu, hoje; sob o arco de um viaduto, amanhã; num terreno baldio, depois; à sombra da Arte, entre as colunas do Municipal, ou à proteção de Deus, num átrio de igreja, êle estendia um rôlo de papel grosso que trazia sob o braço. O papel representava o confôrto, uma sombra de confôrto, era menos frio que o chão frio.

Chegou à frente de uma casa de frutas e perguntou se havia maçãs mais baratas. O vendedor não deu resposta, olhou para os andrajos que se esforçavam por aquecer a figura imponente, e deu-lhe uma fruta, cujas manchas de deteriorização já comprometiam a reputação da casa.

Tinha elegância de atitudes — pedira sem pedir. Estava demonstrado ser um vagabundo e não um mendigo.

Comeu a maçã e limpou a boca num trapo.

Pensei: — fôra um indivíduo bem colocado na vida. Casara e tivera seu lar. Um dia conheceu a «asa negra» — estava mascarada de magnífica mulher. Fôra a sua Salomé. Gastara, com ela, tudo. Fôra traído, e matara a infame cortando-lhe a carótida com uma tesoura de unhas, como faria qualquer personagem de qualquer bolero de Augustin Lara. Cumpriera longa pena e fôra posto em liberdade. Remorsos e saudades! Atirara-se «entonces a la borachera e a la perdicion».

O trepidar de um bonde «recuperado», saltando as soldas não esmerilhadas dos trilhos, sustou-me as divagações; mesmo porque eu já estava criando uma história para tango argentino ou para filme mexicano... Era melhor perguntar ao homem a verdade. Ou o que êle quisesse contar à guisa de verdade. Seria em todo caso, a «sua história».

Falou pouco, pois quase nada tinha a contar. E o que disse não tinha nem sombra do que eu imaginara. Fôra, simplesmente, um sonhador. Vagara por aí, gastara uma vida sem encontrar coisa alguma, sem achar o «seu lugar» no mundo.

Apenas, é que, como tôda gente, os vagabundos também envelhecem.

Com o objetivo de promover o bem social dos comerciários, ao mesmo tempo que dar-lhes uma educação profissional e técnica,

SESC e SENAC

empenham em realizar a paz social, concorrendo para a perfeita harmonia e entendimento entre empregados e empregadores.

SESC

Serviço Social do Comercio

Rua Florêncio de Abreu, 305

SENAC

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Rua 24 de Maio, 208

TISIANO FELIPE LEONI

Ten. Cel. Cmt. do Corpo de Bombeiros
de Porto Alegre

O INCÊNDIO DO "BABILÔNIA"

DESCUIDO, ou curto circuito, ou outra causa qualquer que não vem ao caso, determinou o incêndio do teatro Babilônia, com início nos bastidores, em seus panos de fundo, cortinas, cenários.

Nos Estados Unidos, tal não teria sido possível, porque rigorosas leis obrigam o uso de material incombustível, exclusivamente, nos cenários, cortinas, toalhas, reposteiros, docéis, etc., em teatros, cafés, cinemas, restaurantes, hotéis e outras casas onde o público se aglomera.

Ali haveria, também, obrigatoriamente, e não obstante o uso de material incombustível, instalação preventiva potente, extintores, alarmes diretamente ligados ao Corpo de Bombeiros, além da presença de, no mínimo, dois bombeiros, para atender a qualquer eventualidade.

Ainda, tôdas as saídas estariam marcadas com a palavra EXIT, permanentemente iluminadas à luz encarnada. Haveria mesmo um número de saídas mínimo, de acordo com a capacidade do recinto. Nenhum cinema, teatro, ou outra qualquer casa onde o público afluxa, poderia ser construída ou montada sem saídas laterais, as portas abrindo, obrigatoriamente, para fora.

E' que lá há zêlo pelas vidas, compreensão do problema: FOGO.

Fôssem incombustíveis as cortinas e demais material do Babilônia, houvesse extintores em quantidade e tivesse sido pedida a presença dos bombeiros, como medida preventiva, não teria havido o prejuízo, não teria sido destruída uma casa de diversões, muitas pessoas não teriam ficado sem trabalho, não haveria necessidade de gastar divisas com a importação de novos aparelhos destruídos pelo fogo.

Se houvesse uma lei que permitisse, a nós, os Bombeiros, como nos Estados Unidos, intervir, também se teria evitado o incêndio, porque teríamos tomado providências acauteladoras, porque lá estaríamos no mínimo com uma linha de mangueiras, com extintores e homens afeitos à emergência.

A lei municipal 1023, posta em execução na Capital, exigindo instalações preventivas nos edificios e outras construções, obrigando a certas medidas de segurança nas casas onde o público se reúne, tudo na salvaguarda das vidas e dos bens de todos em geral, teve sua execução suspensa, até março do corrente ano, quando então passará a vigorar no-

vamente se os mesmos interesses que a sustaram não forem, mais uma vez, mais fortes que o bom senso.

Como a finalidade é alertar os interessados, nada mais. Aos proprietários de casas de diversões, circos, teatros, cinemas, «night» clubes, chamamos a atenção para o acontecido com o Babilônia, que a presença dos bombeiros teria evitado. Chamem-nos, que faremos um estudo das instalações mínimas, tendentes a garantir as vidas dos espectadores e o vultoso patrimônio, sem nenhuma despesa, absolutamente gratis. Pergunhem-nos, também, a presença de praças, nos espetáculos.

Este ano terá início o novo quartel para o Corpo de Bombeiros e, provavelmente, um ou dois para as estações na cidade; verbas substanciais permitirão a importação de fardo material, o que tudo demonstra a boa vontade e compreensão do problema por parte do Governo. Mas isso não basta, se tudo ficar sujeito

à criminosa imprevidência de cada um.

São precisas leis que armem os bombeiros de poderes para evitar os incêndios. Não fazê-lo, será exigir o impossível duma organização contra cuja possibilidade de eficiência, todos os fatores colaboram. Só temos feito pedir meios ao Governo, exigindo, quiçá, o impossível. Se não colaborarmos para dotá-lo de poder, para preservar-se e garantir-se, traímos o nosso mandato delapidando verbas. Urge, pois, a restauração da lei 1023.

Ao público em geral, que não se afobe, que não se atropelle quando algo assim como o incêndio do Babilônia acontecer, porque só uma explosão poderá pôr em perigo as vidas daqueles que se retiram calmamente. Fogo comum, não! Sempre há tempo para uma «retirada em ordem». O que mata é o pânico, o terror.

«No entrevero é que morre gente».

(Transcrito do "Diário de Notícias" de Pôrto Alegre, de 5-I-954).



RECEBEMOS

No momento em que se celebra o IV Centenário da Cidade de São Paulo, os assinantes de MILITIA, no Amazonas, enviam aos seus colegas da Fôrça Pública bandeirante, por intermédio de sua revista, seus mais entusiásticos cumprimentos e votos de felicidades pela passagem de tão grata e auspiciosa efeméride. Cordialmente,

Cap. JOSÉ SILVA
Representante de MILITIA

GENERAL DE MILÍCIA

NÃO foi sem razão que incluímos, entre os assuntos que deveriam ser ventilados no Congresso das Polícias Militares, idealizado pelo confrade Monte Serrat Filho — A CRIAÇÃO DO PÔSTO DE GENERAL DE MILÍCIA na hierarquia policial-militar.

Aliás, sôbre tal pretensão já havíamos antes conversado com o deputado federal Carlos Valadares, da bancada baiana. Apontamos ao dedicado representante da Bahia e nosso particular amigo, algumas das razões que justificam o nosso desejo, tendo êle se prontificado a estudar o assunto com todo interêsse e, se possível, levá-lo adiante com um projeto de lei ainda na presente legislatura. Neste pé, seria muito interessante que os colegas de outras co-irmãs, de logo, se empenhassem junto aos seus conterrâneos com assento no Congresso Nacional, no sentido de que êles, por sua vez, formassem ao lado do parlamentar baiano, de sorte que tivéssemos concretizada aquela aspiração.

Razões, de fato, não nos faltam para vindicar tal pôsto para a hierarquia policial-militar.

Nas Fôrças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) outros postos já foram criados na sua hierarquia. Com o seu desenvolvimento, com a ampliação dos seus quadros

e serviços, atualmente contam com o general de exército, almirante de esquadra e tenente brigadeiro, respectivamente. Já existe também, em serviço ativo e na reserva do Exército Brasileiro, o pôsto de marechal, que antes sômente existia em tempo de guerra. Tudo com sua razão de ser. Tudo muito bem. Evolução.

Mas não sômente as Fôrças Armadas evoluíram. As Polícias Militares cresceram também. Maiores efetivos. Elevação de nível de instrução técnico-profissional. Ampliação dos quadros e serviços. E não exageramos ao afirmar que a maioria das milícias estaduais tem organização e efetivo iguais ou superiores a um Regimento de Infantaria do Exército, S. Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e tantos outros Estados, já têm suas Polícias Militares em condições sobejas para comportarem um GENERAL à frente do seu Comando. A Polícia Militar do Distrito Federal, mesmo sob a vigência da Lei n.º 192, não foi comandada várias vêzes por general do nosso glorioso Exército ?

Quase tôdas as Polícias Militares, atualmente, têm em seus quadros não sômente o coronel comandante geral, mas outros oficiais de igual pôsto. E isto vem determinan-

do verdadeiras situações teratológicas na ordem hierárquica e disciplinar. Sabemos que o comandante geral deve ser um coronel, comissionado ou não, escolhido livremente entre os oficiais superiores pelos governos dos Estados. Não é raro, pois, encontrarmos coronéis efetivos subordinados a coronéis comissionados; ou coronéis mais modernos comandando os mais antigos no posto. Entre coronéis, conforme prescreve o R.D.E., aplicado na maioria das polícias militares, não há a precedência hierárquica pelo cargo ou função, como ocorre entre os generais. Daí, porque, em alguns Estados, o governo procura solucionar o problema, com esta providência conciliatória: toda vez que eleva um coronel ao comando geral, mais novo no posto, afasta os mais antigos da ação daquele, pondo-os em funções estranhas aos quartéis. Mas, mesmo assim, perdura a subordinação hierárquica, e a melhor solução não será outra que a elevação, do oficial escolhido para aquêle cargo, a um posto mais alto do que todos os existentes nas milícias. Esta sugestão, aliás, encontra amparo no próprio espírito da lei 192, que — parece-nos — previa o posto de coronel apenas para o Comandante Geral. Se a maioria das Polícias Militares dispõem de outros coronéis em cargos outros, mister se torna que na hierárquica policial haja um posto acima do de coronel, ou seja, o que desejamos aqui: GENERAL DE MILÍCIA.

Feitas estas considerações como fundamentos para a possível criação do generalato nas Polícias Militares, eis, em síntese, o que seria e como se processaria o provimento do posto em foco:

— O posto de General de Milícia seria equivalente, em honras, regalias e prerrogativas militares, ao de general de brigada do Exército, porém exercido apenas pelo COMANDANTE GERAL e em comissão, escolhido entre os tenentes-coronéis ou coronéis da própria corporação ou do Exército (em serviço ativo). Onde houvesse coronel em atividade, não seria lícito a escolha de tenente-coronel para o posto de comandante geral, ou General de Milícia.

— Os coronéis, ao se transferirem para a reserva remunerada ou serem reformados, com mais de trinta anos de efetivo serviço na corporação, seriam promovidos ao posto de general de milícia, desde que para os demais postos as leis específicas assegurassem promoção ao posto imediato.

Não é viável, meus caros colegas, a criação do posto de general de milícia ?

— :: —

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

— PELA GRAVARTE LTDA. —

Meu Retrato

ASSID BEDRAN

*Peregrino a vencer prazeres mentirosos,
Humilde eu vou levando a cruz de minha vida,
Dilacerando os pés nos trilhos pedregosos,
Com os olhos a medir a estrada tão comprida.*

*Lutarei sem cessar até que o Onipotente
Abra à minh'alma triste o céu da liberdade,
Em cuja vastidão etérea, alegremente,
Ela alçará seu vôo buscando a Eternidade.*

*E à terra ficará o que era terra: o pó,
Disperso aqui e ali, pelo caminho afora,
Calcado por mil pés, esmagado sem dó,
Poeira que animou uma vida de outrora...*

*Como quem parte deixa atrás uma lembrança,
Meus versos deixarei — retrato engalanado —
Aos filhos que na vida eram minha esperança,
E que lutaram sempre heróicos a meu lado!*

Belo Horizonte, 10 de Junho de 1952.



DISTINGUIDO EM TODAS AS FARMÁCIAS DO BRASIL

Peça o vidro gigante que oferece estas vantagens:

- Economia no preço, por igual número de doses.
- A história do "Jeca Tatuzinho", de Monteiro Lobato.
- Tratamento mais prolongado, sem interrupção, com o mesmo vidro.



A Farmácia é uma "Casa do Bem" onde se encontram os melhores recursos para a defesa da saúde. Cumprindo as determinações do médico, ela entrega ao público medicamentos de comprovada eficácia, de absoluta confiança. É o caso do Biotônico Fontoura. Quando o organismo exige poderoso reconstituente -- Biotônico Fontoura é sempre indicado. É o mais ativo medicamento contra anemia, raquitismo, fraqueza geral e neurastenia. Em todas as farmácias e drogas.

BIOTONICO

o mais completo fortificante!

FONTOURA



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharel em Jornalismo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

A fim de dar maior brilhantismo às festas comemorativas do IV Centenário da fundação de São Paulo, realizou-se aqui, e pela primeira vez no Brasil, um Festival Internacional de Cinema.

Dentre os países que nos enviaram filmes e artistas — tais como Espanha, México, Argentina, Japão, França, Holanda, Suíça e Inglaterra, é mister destacar os Estados Unidos, quer por terem enviado a maior delegação ao Festival, quer pelo entusiasmo que os artistas de Hollywood despertaram no público paulistano, que pela primeira vez pôde ver de perto os seus ídolos da tela.

Chefiando essa delegação veio o sr. Eric Jonhston — representante especial do presidente Eisenhower, no Festival — e com êle: Irene Dunne, Joan Fontaine, June Haver, Walter Pidgeon, Jane Powell, Jeffrey Hunter, Ann Miller, Edward G. Robinson e outros.

Até antes da chegada dos artistas americanos, não tinha o Festival atingido o seu brilho máximo e isto porque, salvo raras exceções, os representantes das diversas delegações eram todos novatos e, portanto, completamente desconhecidos do público brasileiro.

Devemos ainda destacar a inauguração do "Cinemascope", que teve lugar no cine República e que constituiu a nota sensacional do programa, visto ser o Brasil o primeiro país sul-americano a dotar-se de tal invenção.

Custou o 1.º Festival Internacional de Cinema de São Paulo, 20 milhões de cruzeiros, mas valeu seu pêso em ouro.

RITA DE CASSIA

SER OU NÃO SER

O único rei coroado antes de nascer, foi Shapur II, da Pérsia, cuja coroa lhe foi posta à cabeceira do berço. Em contraste, a primeira e única rainha co-

roada depois de morta foi Inês de Castro, de Portugal, em 1335. Seus despojos foram exumados e coroados num trono, dois anos depois de seu assassinato.

Para acertar a combinação de uma Caixa Forte moderna, do tipo usado pelos bancos, o ladrão tem apenas uma probabilidade contra 200 milhões.

As ilhas de Saint Pierre e Michelon, na costa sul da Terra Nova, eram francesas em 1660 e tornaram-se inglesas em 1702; passaram novamente para a França, em 1763, para voltarem à Inglaterra em 1778. Em 1783 retornaram aos franceses, e em 1793, aos ingleses; novamente aos franceses em

1802, aos ingleses em 1803, e, finalmente, aos gaulêses em 1814, sob cuja bandeira continua até a presente data.

— o —
Uma das palavras mais empregadas, no mundo todo, é o amem. E' usada por mil milhões de indivi-

duos cristãos, judeus ou maometanos.

— o —
Vocês, por certo, já ouviram falar da galinha que punha ovos de ouro. Pois bem, em Torrington, Inglaterra, uma galinha acaba de por 21 ovos, em quatro horas, o que não deixa de ser um fenômeno, não acham ?

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

O Carnaval está aí e, como sei que as minhas leitoras irão divertir-se a valer nestes quatro dias, escolhi, para ilustrar a nossa costumeira secção "ELEGANCIA E PERSONALIDADE", estas bonitas fantasias. Admirem a sua originalidade; copiem, si assim o desejarem, e divirtam-se nestas festas do Rei Momo.



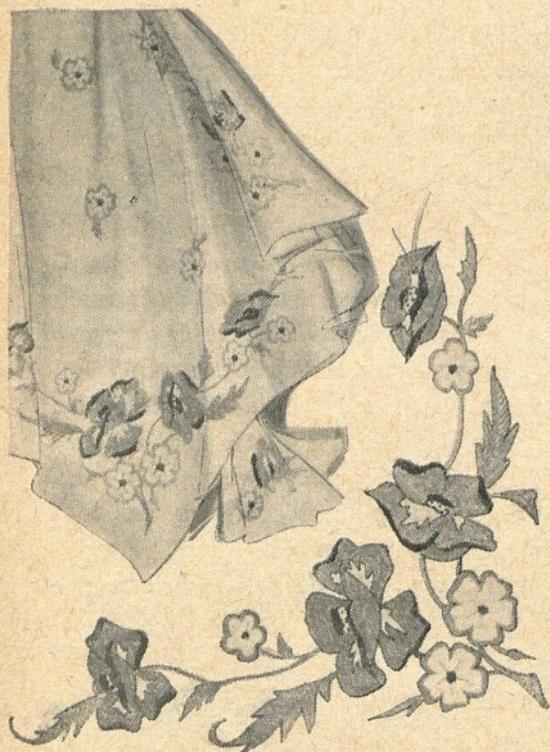
2. Seus filhos também merecem divertir-se nesses quatro dias de MOMO. Escolham fantasias que lhes permitam livre movimentação, mas que ao mesmo tempo não lhes deixem quase sem roupa. Saibam unir o gracioso ao confortável, vestindo suas garotas com fantasias semelhantes às usadas por êstes três modelinhos, pois, são de fato, uns amores de fantasias.



1. Nem sempre, para se ter uma bonita fantasia, é necessário gastar rios de dinheiro. O essencial é ter-se bom gosto. Como exemplo do que digo, eis um bonito grupo de jovens originalmente fantasiadas. Como vocês mesmas podem reparar, predominou o bom gosto e não a preocupação de se escolher riquíssimas vestimentas.

TOALHAS DE CHÁ

Tôdas nós gostamos de apresentar uma mesa bem bonita, quando algumas amigas aparecem para tomar chá em nossa casa. E, sendo a toalha o elemento essencial, nessas ocasiões, apresento-lhes aqui dois lindos modelos, fáceis de serem confeccionados, mas bastante caros, no caso de desejarem comprar algo semelhante.



1 — **Toalha bordada** — Este interessante modelo, realizado em organza branca, apresenta flôres bordadas em ponto relêvo e, os demais detalhes, em ponto sombra.

2 — **Toalha com aplicações** — Preciosa e original, esta toalha, que

mede 1,40m de comprimento, foi realizada em tela antiga, terminada com rendas e apresentando, no centro, aplicações em piquê colorido. Esta toalha de chá pode também ser executada em granitê branco, sendo que a renda é adaptada ao comprimento da toalha, que pode ser de 1,40m por 2,30m ou por 2,70m de largura.



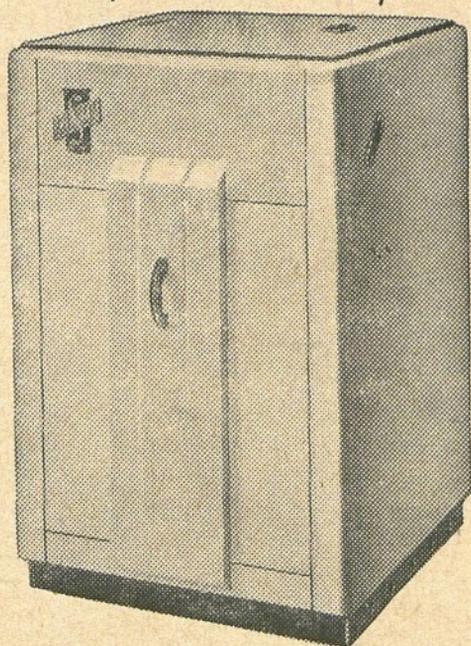
Vale mais um moço feio,
do que um velho arrebitado;
O amor do moço é doce,
O do velho, adocicado.

QUADRINHAS
INTERESSANTES

Se meu peito fôsse lousa
E Cupido usasse giz,
Podias ler muita coisa,
Que minha boca não diz.

no interior da máquina de lavar

um turbilhão
que age
com
carinho



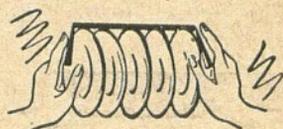
Coloque-a na cozinha, PRIMA
lavará também seus pratos

PRIMA

a que lava
roupa



e lava
pratos



Que prazer, vestir uma roupa bem limpa, bonita como no primeiro dia! Para isso, PRIMA lava com carinho movimentando somente a água - quente ou fria. Mas com que ritmo! 500 rotações por minuto, nada menos. Quer dizer: em 4 minutos, nessa velocidade eficiente, lavam-se 5 quilos de roupa bem lavada. E mais: não há necessidade de água corrente, pois que a PRIMA se pôde encher até com uma caneca, não funciona à pressão d'água. Pode-se levá-la para qualquer parte da casa sobre os seus tres rodízios de rolamentos. Essa mobilidade se deve ao fato de que PRIMA não trepidando, dispensa instalação fixa.



PRIMA realmente merece a
sua atenção - A sua
preferencia.

Venha vê-la em nossa
loja, em pleno funcionamento
A senhora ficará encantada!

Assistência tecnica
completa e permanente



CASSIO MUNIZ S. A.

Importação e Comércio

Praça da República, 309 - São Paulo

A VENDA NAS BÔAS CASAS DO RAMO

RECEITUÁRIO AMOROSO

Moreninha: Limeira — Não se inquiete. Considere o caso terminado e dê graças a Deus, por não terem sido maiores as conseqüências. Da próxima vez não se descuide. Lembre-se que existe sempre alguém prestes a caluniar os outros, mesmo sem ter motivos para tal. Acabe

tudo com este rapaz, pois se não teve coragem de defendê-la, na hora em que você mais precisou, é porque não tem fibra, não tem a qualidade principal que é exigida a um homem: caráter.

Espinhosa: Guaratinguetá — Deixe de passar,

no rosto, tôdas as pomadas que suas amiguinhas lhe ensinam. Procure um médico dermatologista. Quem sabe se o seu mal não é dos intestinos? Não se aborreça, siga o meu conselho e depois escreva-me contando os resultados, sim?

ENRIQUEÇA O SEU "MENU"



1) Na figura acima temos um almoço constituído por um pouco de macarrão saltado na manteiga ou em alho e óleo; alguns aspargos e pequenas tirinhas de pepino, apenas lavados. Quanto ao macarrão, poderá ser em forma de conchinha ou lacinhos, conforme o que encontrar na venda. Como sobremesa, apresentamos uma gelatina rodeada por biscoitos em forma de bichinho.

2) Já o almoço de baixo é mais simples. Temos uma salada de alface, uns sanduiches variados, um pouco de feijão e, como sobremesa, gelatina de frutas. O que torna este almoço trivial tão apetitoso, é o modo como se consegue apresentá-lo. Se não acredita, veja o clichê abaixo. Com um pouco de paciência, vocês conseguirão também o mesmo resultado.



PÃO DE FESTA

Ingredientes: - 5 xícaras de farinha de trigo; 1 1/2 xícaras de leite; 5 colheres de sopa, de açúcar; 2 colheres de sopa, de manteiga; 1 colher (de chá) de sal; 2 ovos; 50 g. de fermento "Fleischmann"; 100 g. de passas, e doces cristalizados à vontade (laranja, cidra, figo, e.c.).

Modo de fazer: - Dissolva o fermento no leite morno e amasse com a farinha de trigo. Junte os outros ingredientes, exceto as passas e os doces, e amasse até formar bolhas. Adicione então as passas e os doces de cidra, laranja e figo. Em seguida coloque em fôrmas fundas, bem untadas com manteiga e deixe descansar 2 horas.



CONSELHOS PRÁTICOS

1) Para que o champanha não perca o borbulhar característico, não o deixe muito tempo sobre o gelo ou na geladeira. Conserve as garrafas com o gargalo para baixo, em lugar nem muito frio, nem muito quente.

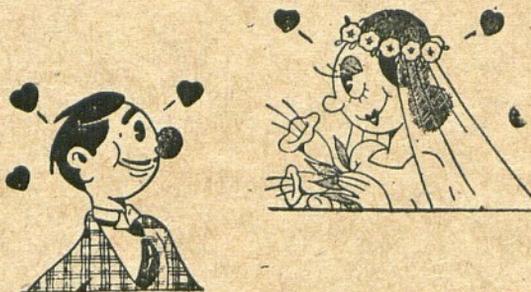
2) O vinho deve ser guardado em lugar seco e sombrio, isento de vibrações. Ponha as garrafas deitadas, arrumando-as em prateleiras ou nichos.

3) Para que a roupa branca se conserve indefi-

nidamente alva, embrulhe-a em papel opaco, antes de guardá-la. E' que os tecidos brancos, se não forem cuidadosamente protegidos da luz, adquirem, com o tempo, uma cor amarelada que os torna deveras desagradável.



CLASSIFIQUE SEU MARIDO:



Os homens podem ser classificados em três tipos: a) selvagens, b) domésticos e, c) domesticados. São selvagens os solteiros; domésticos, os noivos e, domesticados, os casados.

Todavia, há também subtipos. Tanto assim que os casados podem ser: a) varão, b) varunco e, c) varela.

Varão, manda êle e não ela; varunco, manda o marido e manda a mulher e, finalmente, varela, manda a mulher e nunca o marido, o que é mais comum.

OVOS COQUETES

Muitas vezes queremos enfeitar uma mesa de aniversário, ou mesmo de casamento, apresentando-a de modo bonito e original. Para isso, encomendamos coisas de fora, servimo-nos do melhor "buffet" da cidade e, no final das contas, acabamos apresentando a mesa de maneira pouco diferente daquela que costumamos encontrar em casa de nossas amigas.

Pois bem, conhecedora destas dificuldades, apresento nesta página os ovos decorados por Faubell, conhecida chapeleira e costureira de miniaturas.

Não há dúvida a respeito do trabalho e da técnica que vocês terão de desenvolver, a fim de conseguir resultados satisfatórios. Mas, com um pouco de fitas, rendas, enfeites e bonitos retalhos, além de grande dose de paciência, obter-se-ão ótimos resultados.

Depois de prontos, coloque os ovos coquetos numa bonita fruteira, semelhante a que apresentamos acima, e disponha no centro da mesa.

A parte mais difícil parece a de como conservar o ovo em pé. Pois bem, para resolver este problema, três recursos são utilizados:

1.º) - colocá-los sobre um cone de cartolina seccionado;

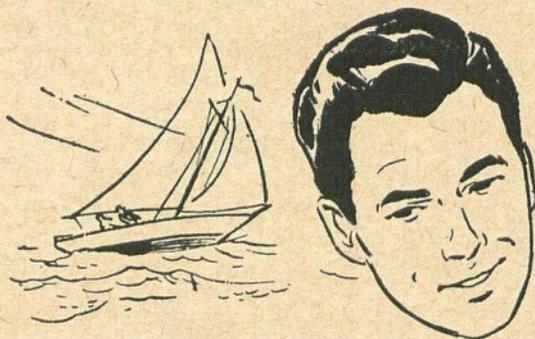
2.º) - colocá-los sobre um cilindro também de cartolina;

3.º) - colocá-los numa forminha de doces em papel plissado.

Os olhos e a boca são recortados em papel colorido brilhante.

Qua tal a idéia? Não é mesmo original?





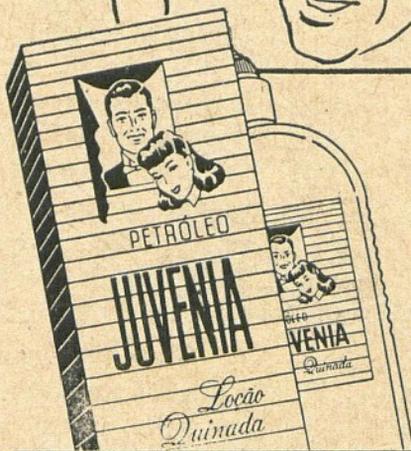
Fixa



Perfuma



Tonifica



os cabelos

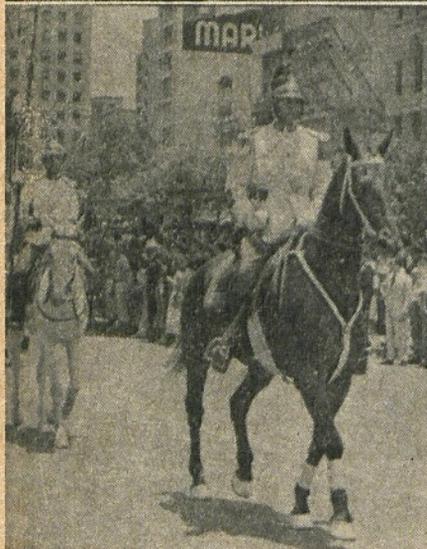
PETRÓLEO

JUVENIA

IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO



O ten. cel. José Canavó Filho, comandou o agrupamento constituído pelo C.F. A., B. G., Btl. "Tobias de Aguiar" e Batalhão Misto.



Ten. cel. Agenor de Almeida Castro, comandante do glorioso Regimento de Cavalaria.



O cel. João de Oliveira Melo, Diretor Geral de Instrução, comandou o Destacamento da Força Pública presente ao monumental desfile do dia 25 de janeiro.

COM ruidosas manifestações de alegria, a população paulistana mobilizou-se, inteira, para acolher, com ufania os visitantes de sua Metrópole, e ir às praças e logradouros, embevecida, participar das festividades que assinalaram, a 25 de janeiro último, o início das comemorações do IV Centenário de São Paulo.

Presentes as mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas do país, bem como numerosas delegações de todos os recantos da Pátria e de nações amigas, tiveram início as solenidades presididas pelo dr. Getúlio Vargas, presidente da República. Assim, precisamente às 8 horas, no Pátio do Colégio — histórico local onde a capela plantada em 25 de janeiro de 1554 marcou a fundação de São Paulo de Piratininga — realizou-se evocativa cerimônia cívico-religiosa ao derredor de tosca igreja levada, falando, na ocasião, em nome da Companhia de Jesus, a que pertenciam os fundadores da cidade, o padre Roberto Sabóia de Medeiros, S. J. Nas adjacências se aglomerava incalculável multidão, visivelmente emocionada e postada, piedosamente, em reverência a Nóbrega e Anchieta.

Logo após, a poucos metros, em contraste com o cenário anterior, manifesta e justificadamente orgulhoso, o povo, na praça da Sé, assistia à inauguração da majestosa Catedral, monumento digno da gran-

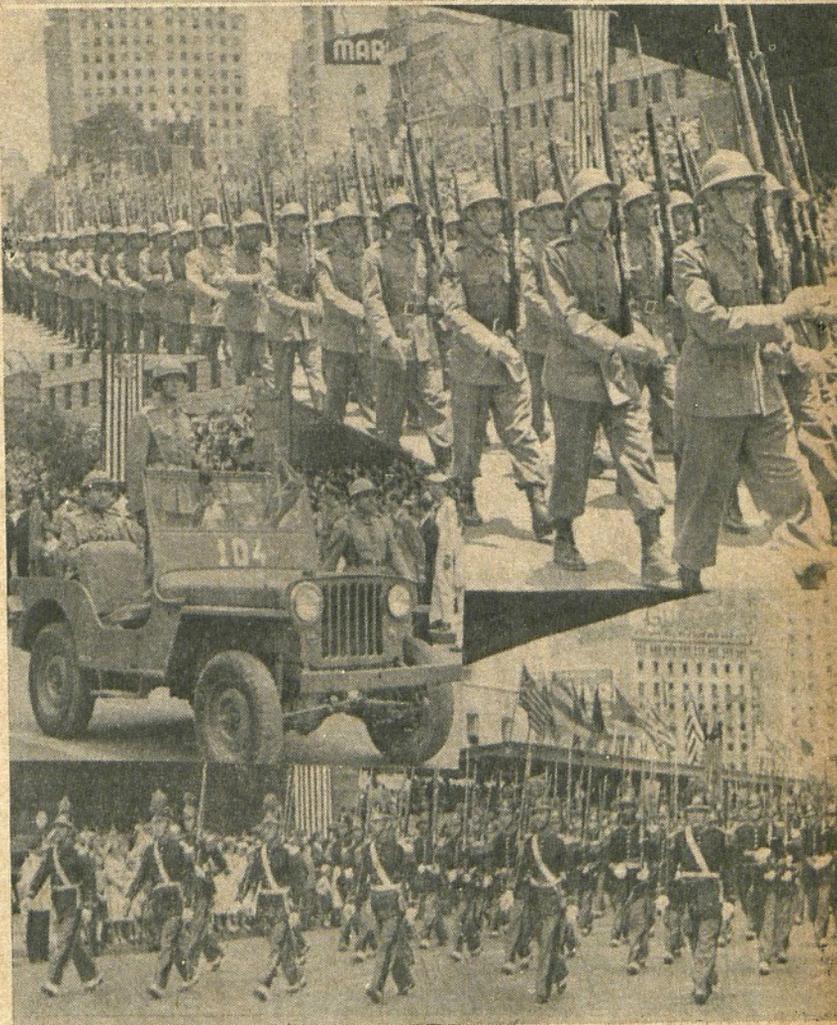
O Centro de Formação e Aperfeiçoamento não desmereceu da confiança que lhe dedica a Fôrça Pública. Brilhou, realmente, impondo-se à admiração das autoridades e do público.

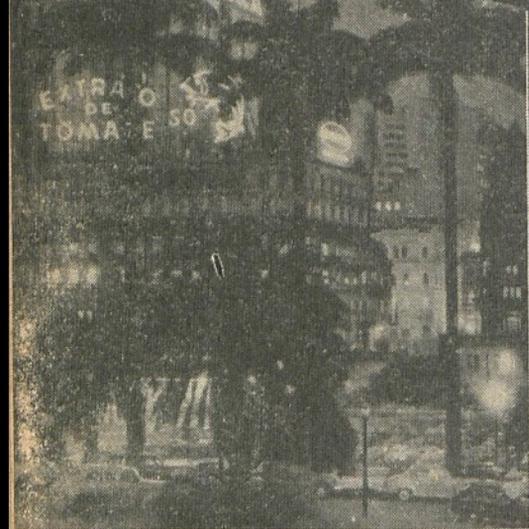
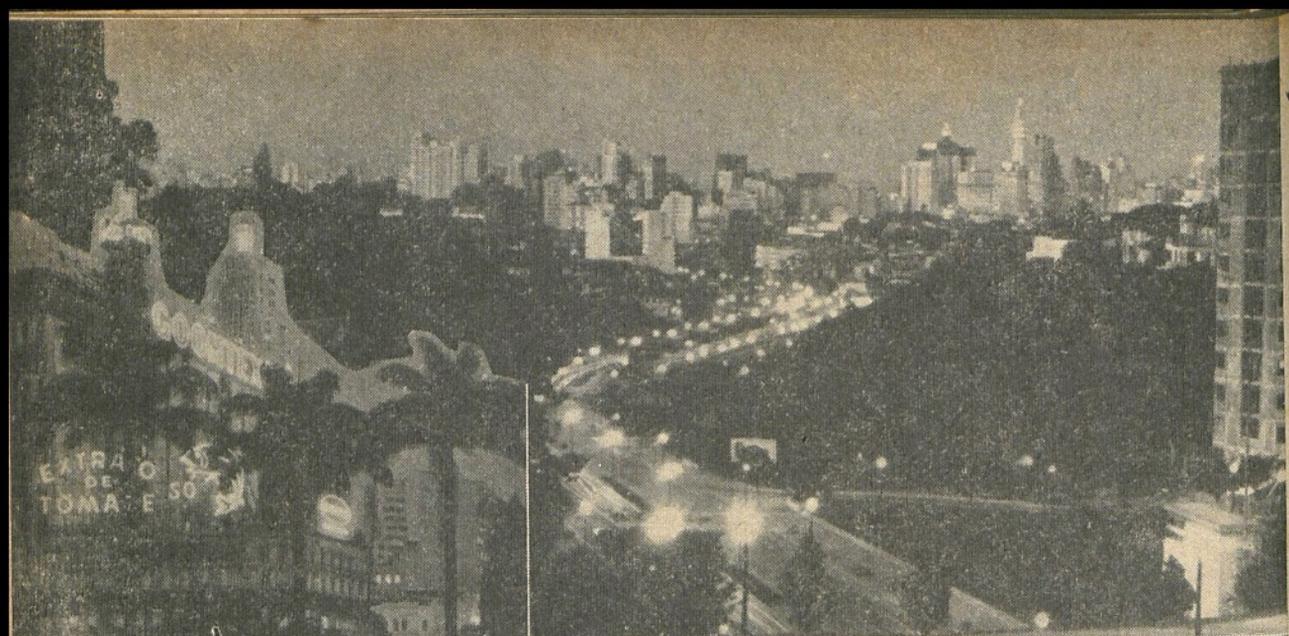


O Batalhão "Tobias de Aguiar" emprestou magnífica colaboração ao retumbante êxito alcançado pela milícia de Piratininga. No "velho" 104, o major Bento de Barros Ferraz, sob cujo comando desfilou o "Tobias de Aguiar".



Vivamente ovacionado — prêmio justo à sua impecável apresentação — o B. G. honrou as suas tradições.

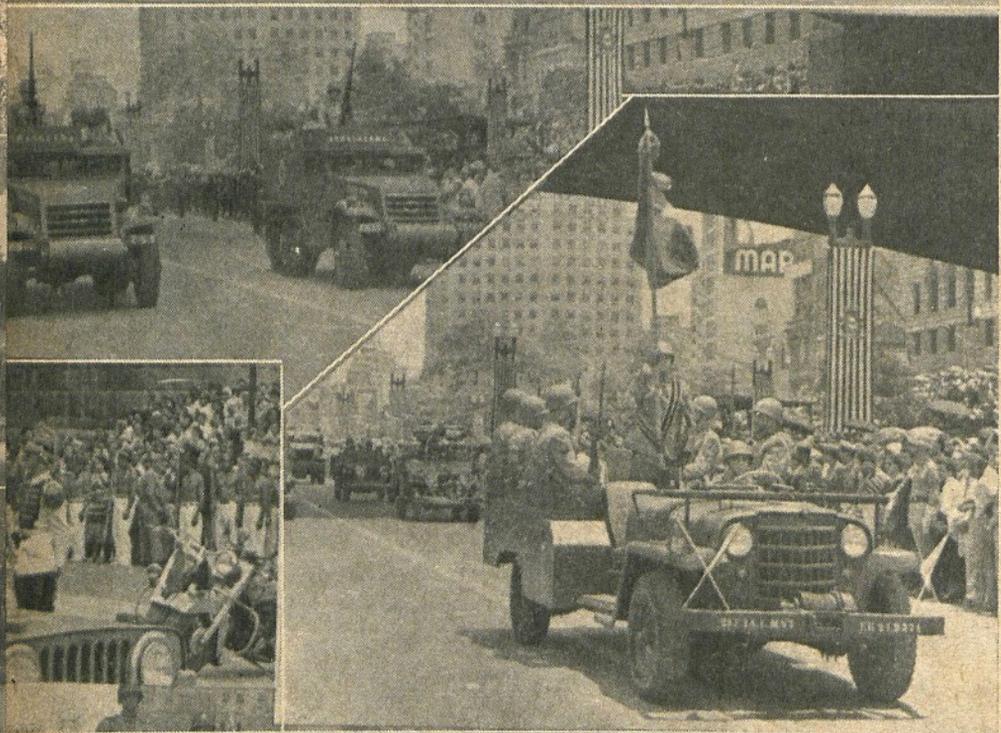




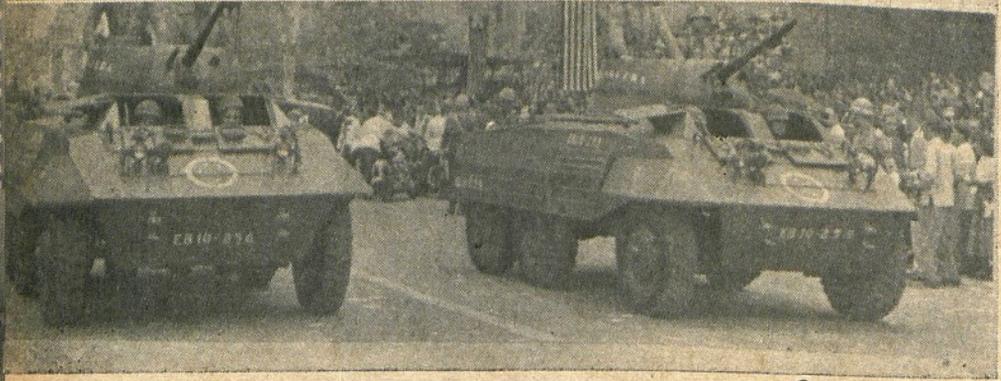




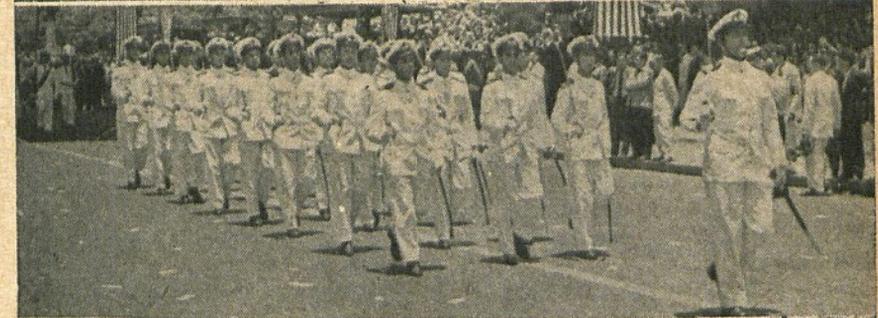
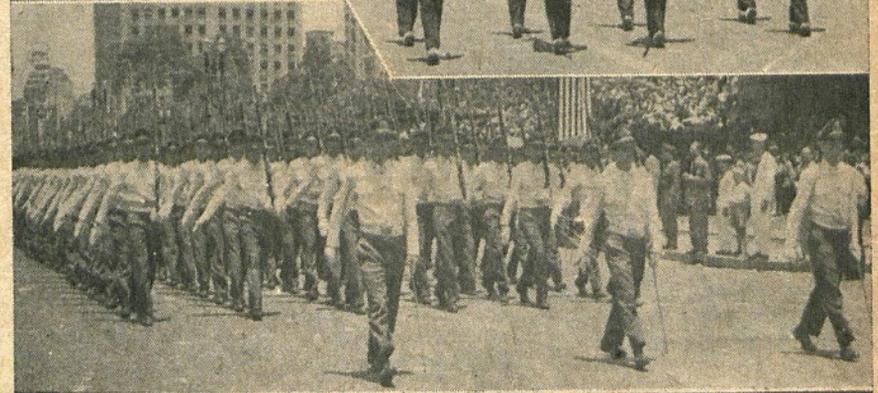
Os nossos índios não faltaram à festa de S. Paulo de Piratininga. Os "donos da terra" desfilaram com visível entusiasmo.

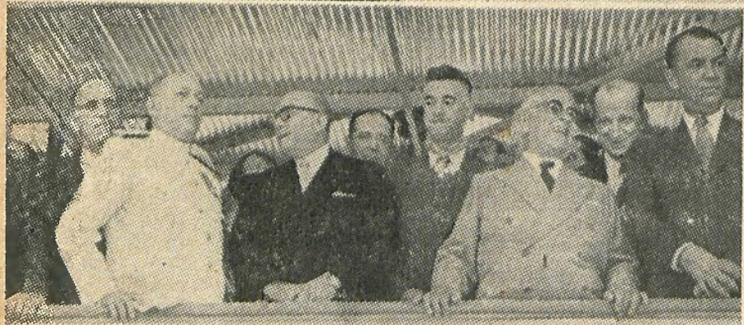


O Exército Brasileiro atendeu ao chamado cívico do povo paulista. Presente às festividades do IV Centenário, de forma altamente expressiva rendeu seu preito de admiração aos bandeirantes de ontem e de hoje.



Não só a juventude das
nossas Escolas Militares
vieram a S. Paulo para fes-
tejar os seus quatrocentos
anos de existência profun-
damente dinâmica. Tam-
bém veio a nós, numa de-
monstração inequívoca de
amizade indestrutível, a
guapa representação da
gloriosa Marinha Portu-
guêsa. Ei-la, marcial e em
uniforme branco, logo aci-
ma dos cadetes da F.A.B.





O general Edgard de Oliveira foi o comandante geral das tropas em desfile. À sua retaguarda, os elementos da Marinha, Aeronáutica, Exército e Força Pública, que constituíram o seu Estado Maior.



O presidente Getúlio Vargas, ladeado pelos governadores de São Paulo e Minas Gerais, assiste ao desfile.

diosidade da Capital Bandeirante e que reflete a capacidade realizadora do povo paulista. Quarenta anos de labor edificaram o marco de fé, lavrado na pedra, em estilo gótico.

Depois, no Vale do Anhangabaú, ao longo de alguns quilômetros, multicolorindo o ambiente e tomado de pronunciado entusiasmo cívico, o povo marginou, compactamente, a avenida Nove de Julho, praça das Bandeiras, rua Formosa e avenida Anhangabaú, oferecendo a São Paulo, indiscutivelmente, em quatrocentos anos, um inédito espetáculo! Aí, às 11 horas, povo e as mais altas autoridades da Nação, dos Estados e Municípios, confraternizados, ovacionaram a tropa em desfile, constituída de delegação da Marinha Portuguesa e de destacamentos do Exército, Aeronáutica e Força Pública do Estado, além da magnífica Banda de Fuzileiros Navais.

Como encerramento das festividades do dia 25 de janeiro, levou-se a efeito às 20 horas, no Vale do Anhangabaú, esplêndida e original parada cívico-popular, com a participação de dezenas de entidades, firmas comerciais e industriais, associações estudantis, clubes desportivos e delegações do interior, os quais reviveram, através de carros e motivos alegóricos, a história inteira da cidade-prodígio.

Imponente espetáculo pirotécnico, oferecido ao povo paulista, constituiu o ato final das homenagens ao Dia de São Paulo, em seu IV Centenário.

«Militia», representada em todos os festejos, augura seja o 25 de janeiro de 1954 o ponto inicial de nova e vertiginosa fase de ascensão da Capital Bandeirante.

S. Paulo, 26/XI/953



Aos maus,
Aos interesseiros,
Aos que têm um só rosto
E muitas caras;
Aos que elogiam, mentem,
Bajulam, tramam, fingem;
Aos falsos e egoístas;
Aos incompreensíveis
Eternos sorridentes;
Aos que só dão a mão,
Prá ver se nela cai
Alguma moeda;
Aos que nem são lembrados
Quando ausentes;
Aos que não sabem
O que é lealdade,
E são amigos íntimos
Da inveja;
Aos que prá serem grandes
Sobem em ombros alheios,
E prá serem notados
Vivem tocando sinos;
Aos de mente vazia
E ventre obeso;
A você, a você,
A você e a você,
O meu desprezo.



FREDERICO O. P. DE BARROS

Ao capitão FRANCISCO VIEIRA
DA FONSECA, honesto, incansável
e incompreendido trabalhador em
prol da criança surda.

D
E
S
P
E
Ç
O
-
M
E



Aos mansos,
Aos desinteressados,
Aos que dizem bom-dia
Sem esperar resposta;
Aos que sorriem francos;
Aos que ganham dinheiro
Sem ser por êle ganhos;
Aos que vêem mais beleza
Numa clave de sol
Que num cifrão;
Aos que sem compreender,
Sabem ser compreensivos;
Aos que são bons
Embora incompreendidos;
Aos que dando a direita,
Não pedem com a esquerda
A paga de favores;
Aos de bolso vazio
E coração bondoso;
Aos que, quando presentes,
Trazem felicidade;
A vocês, boa gente,
Minha amizade.



O cel. João de Quadros lê, ao microfone, o seu discurso. Em baixo, a mesa que dirigiu os trabalhos, e parte da assistência.

ELEITA E EMPOSSADA A NOVA DIRETORIA DA

A. O. R. R. F. P.

Em pleito realizado a 2 de janeiro do corrente ano, foi eleito o órgão diretor da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da

Fôrça Pública, para o biênio de 1954-55, o qual ficou assim constituído: presidente, cel. João de Quadros; 1.º vice-presidente, cel. Manoel Marques

Machado; 2.º vice-presidente, cel. dr. Vital Vaz; secretário geral, ten. cel. Luís de Faria e Souza; 1.º secretário, cap. Joaquim de Paula Soares; 2.º secretário, 1.º ten. Sebastião Donato; 1.º tesoureiro, major Brás Nogueira da Cruz; 2.º tesoureiro, 1.º ten. Silviano Moreira; diretor syndicante, major Afonso Pires Evangelista; diretor de biblioteca, cel. Lúcio Rosales; diretor de museu, 1.º ten. Caetano Máximo Menezes.

Conselho Diretor: - cel. Adriano Augusto Machado, ten. cel. José Maurício de Oliveira; ten. cel. José de Oliveira França; ten. cel. Napoleão José Leite e ten. cel. Humberto Cursino Vila-Nova.

Conselho Fiscal: - cel. Luís Gonzaga de Oliveira, ten. cel. Juvenal de Lima Franco, cap. João José de Moura.

A posse solene realizou-se no dia 30 do mesmo mês, no Auditório do Batalhão de Guardas, com a apresentação de esplêndido espetáculo de arte, orientado pelo major Olímpio de Oliveira Pimentel.

A Diretoria que terminou o mandato sob a presidência do cel. Homero da Silveira, apresentou detalhado relatório, através do qual deu notícias de sua proficiente ação.

Ao cel. João de Quadros, novo presidente, e seus dignos companheiros, «Militia» cumprimenta, formulando votos para que possam conduzir a benemérita Associação a novas e brilhantes etapas, dando, assim, continuidade à ação da Diretoria anterior.



ARMOUR
Feijoada

feijoada
ARMOUR

pronta
para
servir

resolve na hora
um "grande problema"
da cozinha!

SOLENEMENTE EMPOSSADO O NOVO PRESIDENTE DO

TRIBUNAL DE JUSTIÇA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

 12 de janeiro último, em sessão solene realizada no Tribunal de Justiça Militar de São Paulo, foi empossado na presidência dessa alta Corte de Justiça, cargo para o qual foi recentemente eleito, o dr. Mário Severo de Albuquerque Maranhão.

Ao ato estiveram presentes o dr. Genésio de Almeida Moura, presidente do Tribunal de Contas, cel. Oscar de Melo Gaia, comandante geral da Força Pública, representantes do governador do Estado, dos comandantes da 2.ª Região Militar e 4.ª Zona Aérea, dos secretários de Estado, outras autoridades civis e militares, e grande número de pessoas gradas.

Abrindo a sessão falou o cel. Odilon Aquino de Oliveira, anterior presidente do Tribunal, agradecendo a colaboração que lhe emprestaram, no exercício do mandato, os membros do Tribunal e funcionários dêste, e exalçando as qualidades de seu sucessor, dr. Severo Maranhão, a quem transmitiu o cargo.

Saudando o novo presidente, usaram a palavra os drs. Gerônimo Gnecco, Almiro Leal da Costa e Alberto Vasconcelos Pujol.

Finalmente, falou o dr. Mário Maranhão. Agradeceu a presença das autoridades e confessou-se emocionado, naquele instante, quando assumia o mais alto cargo do Tribunal de Justiça Militar, cujos passos iniciais acompanhou. Relembrou que essa Corte de Justiça foi instituída graças à ação de três eminentes homens públicos: dr. Sílvio Portugal, secretário da Justiça, o então cel. Milton de Freitas Almeida, comandante geral da Força Pública, no governo de Armando de Sales Oliveira, e dr. Júlio César de Faria, à época presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Finalizando, agradeceu a seus pares pela confiança que vinham de demonstrar-lhe, elevando-o à presidência do Tribunal.

«Militia», presente à sessão solene, felicita o dr. Maranhão pela investidura na alta função e lhe augura profícua gestão no cargo.

★ ★ ★

Nada pode ser honesto, quando a justiça falta.

Cícero



O jornalista Arsênio Tavolieri, presidente da Associação Paulista de Imprensa, em animada palestra com o sr. governador Lucas Nogueira Garcez.

O GOVERNADOR NA "CASA DO JORNALISTA" DE SÃO PAULO

O prof. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado de São Paulo, visitou a «Casa do Jornalista», da Associação Paulista de Imprensa. Recebido pela diretoria e componentes do seu corpo social, o governador foi saudado pelo sr. Arsênio Tavolieri, presidente da API, que encareceu ao chefe do Executivo Paulista a necessidade em que se encontrava, a entidade que preside, de concluir as obras de seu edifício, principalmente porque, ainda no corrente ano, nele se realizaria o I Congresso Mundial de Entidades de Imprensa. Pro-

meteu, o prof. Lucas Garcez, resolver de vez o problema da conclusão da Casa do Jornalista, não só pelos motivos expostos, mas principalmente por constatar que se tratava de importante empreendimento. A seguir, o sr. Garcez examinou os cartazes alusivos ao I Congresso Mundial de Entidades de Imprensa, dando seu voto em favor daquele que melhor simboliza o conclave, com o «slongan» improvisado pelo jornalista Edmundo Rossi, «O mundo dentro de uma bobina».

O PROGRESSO PAULISTA

E A

ENERGIA ELÉTRICA

UM dos principais fatores do surto de progresso paulista é, reconhecidamente, a energia elétrica. A cidade provinciana de 240.000 habitantes, de 1900, transformou-se na metrópole hodierna, haurindo forças para a expansão de suas indústrias, para o seu desenvolvimento, na fonte de energia elétrica abundante e barata.

Para que fôssem atendidos os pedidos, sempre crescentes, a primeira usina hidrelétrica de 2.000 kW, levantada em Santana de Parnaíba, em 1901, pela Concessionária, a S. Paulo Light & Power Co. Ltd., foi aumentada e outras foram construídas entre as quais a do Cubatão, uma das maiores, no gênero, com inversão de avultados capitais. Presentemente, a potência total instalada é de cerca de 600.000 kW.

Em 1938 havia folga de 53% entre a capacidade geradora e as cargas máximas, o que possibilitou o rápido crescimento da indústria durante os anos da última guerra mundial, e aumentos levados a efeito de 1946 a 1950 permitiram a satisfação dos novos pedidos. Somente nesse último ano apareceu a necessidade de certas restrições no consumo e em 1952 as autoridades competentes determinaram desligamento de circui-

tos para equilibrar a carga com a capacidade.

A carência de energia elétrica que no momento se verifica, tem origem em várias causas, independentes da vontade da Concessionária. Todavia, planos de larga envergadura vêm sendo executados a fim de ampliar a capacidade geradora. As principais obras são:

— A Usina Térmica Piratininga, em Santo Amaro, que, em sobrecarga, poderá produzir até 200.000 kW e não dependerá de precipitações pluviais. Se tudo correr normalmente, como se espera, no segundo semestre deste ano deverá começar a funcionar a primeira unidade e, depois de algum tempo, o outro gerador.

— A Usina Subterrânea do Cubatão, já iniciada, e que deverá estar em condições de produzir 260.000 kW em 1956, se não sobrevierem contratemplos.

Isso aumentará a capacidade do Sistema para cerca de 1.000.000 kW.

— Estação e barragem elevatória «Edgard de Souza» e alteamento da barragem de Pirapora, para aproveitamento de águas da bacia do Tietê.

— Canalização do rio Pinheiros, para possibilitar o recalque de tais águas para a represa Billings. Estas obras estão muito adiantadas e o canal, em parte, já vem servindo ao fim a que se destina.

— Montagem de mais um grupo de recalque na Usina Elevatória da Pedreira.

Mas a construção de usinas, barragens, estações de recalque, não é bastante; há muitas obras complementares indispensáveis, as quais já estão em execução, para transporte e distribuição da energia produzida.

Entre elas merecem especial destaque:

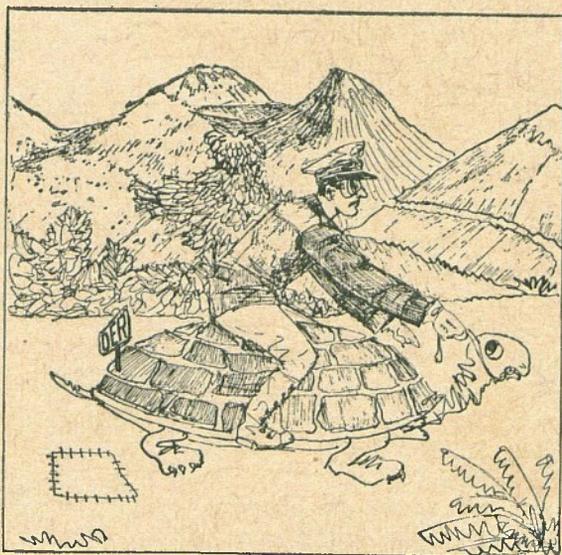
— As modernas terminais de Mogi das Cruzes e de Pirituba; as correspondentes linhas de transmissão de 230 kW; subestações transformadoras; aumento da rede de distribuição; assentamento de milhares de postes, etc.

Como se vê, muito sucintamente relatado, providências importantes foram e estão sendo tomadas e trabalhos de grande porte marcham em ritmo acelerado para superar a momentânea conjuntura de circunstâncias adversas (**).

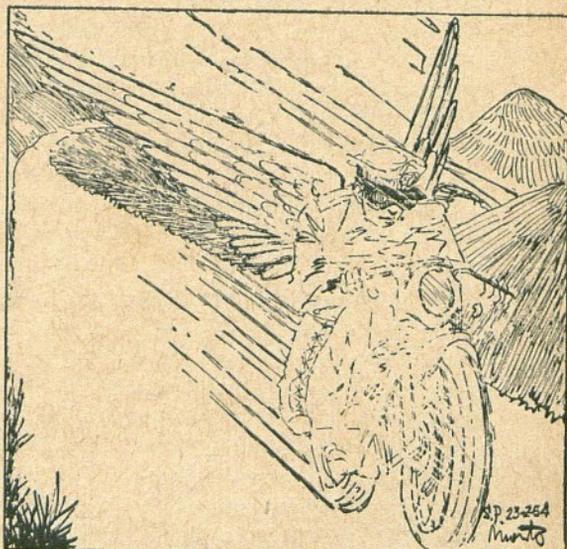


PONTOS DE VISTA

"Rodoviário" contra infrator na Via Anchieta



Como ele se vê



Como o vê o perseguido

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria, realizada em data de 29 de janeiro p. findo, foram despachados os seguintes processos:

Pensões concedidas - 2.100,00 ao sr. Brasília de Andrade, genitor e único beneficiário do sd. João de Andrade, do R.C.; 1.920,60 a d. Maria Nogueira de Souza, com os menores Cláudio e Neuza de Souza, viúva e filhos, respectivamente, do 3.º sgt. Reinaldo de Souza, do 6.º B.C.; 1.323,00 a d. Rosa Falaschi com os menores Nelson, Armando, Orlando e Cecília, viúva e filhos, respectivamente, do cabo rfm. José Benedito Borges; 633,00 a d. Ana dos Santos, genitora e única beneficiária do sd. Marcolino de Andrade, do S.S.; 633,00 ao menor Valentim Pinto de Azevedo, filho e único beneficiário do sd. Benedito Pinto de Azevedo, do 3.º B.C., e 500,00 a d. Florentina Rosa Rafles, viúva do 3.º sgt. rfm. Gilberto Rafles.

Retificação de pensão - Foi retificada e, conseqüentemente majorada, de 1.139,40 para 1.330,20, a pensão de d. Maria Inácia da Silva, beneficiária do sd. rfm. João Batista da Silva, promovido "post-mortem" ao posto de cabo.

Empréstimos-Hipotecário - 240.000,00, ao 1.º ten. Estevam José de Souza; **Hipotecário** (artigo 69 do Regulamento) - 150.000,00, ao cap. Idelo Ferrarini; **Sob compromisso** - 200.000,00, ao 2.º ten. Franklin Ferreira da Encarnação; 90.000,00, ao 1.º sgt. José Maria Pereira; 110.000,00, ao 2.º sgt. Cherubim de Lima Franco; 96.000,00, ao 3.º sgt. Benedito Antônio Franco; **Suplementar** - 40.000,00, ao subtenente José Veríssimo de Souza Molica.

Requerimentos despachados - do 1.º ten. Renato Ourique de Carvalho, solicitando permissão para vender imóvel: - "Indeferido face a transferênciade unidade"; do ten. cel. rfm. Geraldo Alves Gomes e 3.º sgt. José Miguel de Oliveira, solicitando permissão para vender imóvel: - "Indeferido"; do major rfm. Otávio Castro de Freitas Costa, solicitando permissão para vender imóvel: - "Man-

tenho o despacho anterior"; do ten. cel. res. Edgard Greenhalgh Carneiro, solicitando cancelamento de empréstimo hipotecário: - "Ciente. Arquive-se"; de dd. Julieta da Silva Cirilo e Joana Dionísio, solicitando o benefício de pensão: - "Indeferido, por falta de amparo legal"; de d. Maria Paula do Nascimento, pedindo quota de pensão para sua tutelada Maria Alves do Nascimento: - "Mantenho o despacho anterior"; de Antônio Castilho ex-praça, pedindo restituição de documentos: - "Entreguem-se, mediante recibo"; do cap. Sebastião Rufino Freire: - "Deferido"; de d. Benice Aluque de Lima, pedindo a remessa de sua pensão para a cidade de Garça: - "Deferido. Remeta-se a pensão, correndo as despesas e risco por conta da requerente"; do 2.º sgt. Clementino Nunes da Silva, do Q.G., solicitando empréstimo hipotecário: - "Indeferido, por falta de amparo legal".

Balancete da "Receita e Despesa" - Tendo em vista parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado o balancete da "Receita e Despesa" desta Caixa, referente ao mês de DEZEMBRO do ano p. findo, cujo resumo é o seguinte: **Recebimentos** - Contribuições mensais, 1.613.371,90; Jóias, 385.973,90; Caixa Econômica Estadual, 1.040.000,00; Outros recebimentos, 2.266.516,00; Saldo do mês anterior, 544.117,60; SOMA, 5.849.979,40. **Importâncias não recebidas** - I.P.E.S.P., de maio a dezembro, 75.402,10; Tribunal de Justiça Militar, de novembro a dezembro, 46.063,60; Subvenção do Estado, de julho a dezembro, 1.800.000,00; Pensões do Estado em atraso para com a Caixa, 897.303,80. SOMA GERAL 8.668.753,90. **Pagamentos** - Pensões, 1.567.954,00; Carteira Imobiliária, 1.992.700,00; Empréstimos simples, 1.275.670,00; Caixa Econômica Estadual, 600.000,00; Outras despesas, 220.764,20; Saldo que passa para o mês seguinte, 192.891,20; SOMA, 5.849.979,40; **Rendas a receber** - Importâncias lançadas nesta conta, 2.818.774,50; SOMA GERAL, 8.668.753,90.

★ GRANDE
SUCESSO!

★ JÁ EM
2.^A EDIÇÃO!

MANUAL do POLICIAL de TRÂNSITO

TENENTE ANTONIO MENDES
DA FORÇA PÚBLICA DO E. DE SÃO PAULO



SÃO PAULO

1955

"Excelente a impressão que tive do seu trabalho. Preciso, minucioso, bem orientado e sobretudo muito útil ao preparo dos guardas de trânsito".

VICENTE SAGUAS PRESAS JÚNIOR
Ten. Cel. Diretor do Serviço de Trânsito

"Com seus capítulos perfeitamente ordenados, com ótima distribuição e explanação da matéria, além de oportunas ilustrações dos acidentes mais frequentes, o MANUAL DO POLICIAL DE TRÂNSITO será um valioso guia para todos os que se defrontam, diariamente, com os problemas de trânsito...".

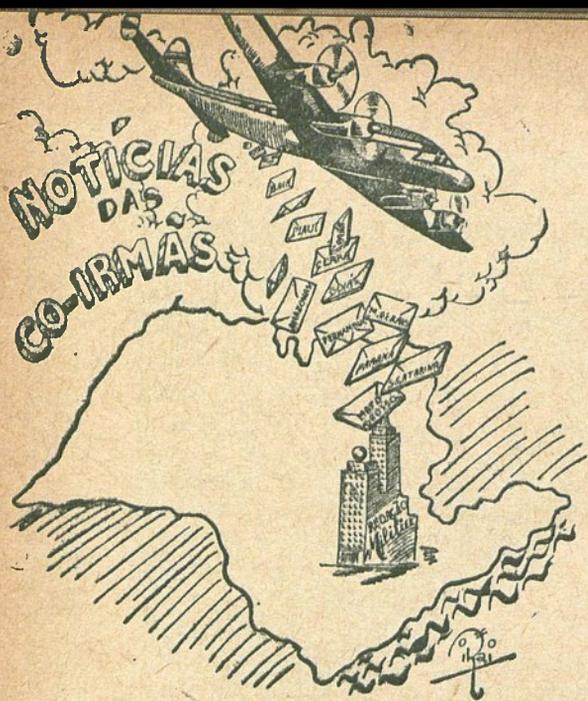
ANTÔNIO MOTA FILHO
Vice-Diretor da Escola Oficial de Trânsito

"Mas, não deve ficar restrito ao nosso meio. Pela sua própria essência, impõe-se seja facilitada a sua divulgação pelas demais Polícias Militares e por tôdas as entidades congêneres, civis e militares, com responsabilidade no policiamento de trânsito".

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ
Major Diretor de Ensino do C.F.A.

Pedidos à "MILITIA", pelo Reembolso Postal ou por intermédio dos Representantes nas Unidades da Federação.

Preço: Cr\$ 25,00.



ACRE

VISITA DE OFICIAIS DA PMDF

A Guarda Territorial hospedou, por trinta dias, dois ilustres oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal: o major Ismael Marques de Pinho e o capitão Roldão Rodrigues Gama, que estiveram no Acre, a serviço do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Sobre a missão confiada aos distintos oficiais, que foi a de realizar estudos necessários à transformação, em batalhões da PMDF, da Guardas Territoriais existentes nos cinco Territórios da Federação, colhendo in-loco informações de ordem administrativa e pessoal, melhor reflete sobre o que aqui lhes foi dado observar, a transcrição da parte que dirigiram ao sr. ten. cel. Manoel Fontenele de Castro, comandante da Guarda Territorial acreana:

«Incumbidos, pelo exmo. sr. Ministro da Justiça, de realizarmos os estudos necessários à transformação das Guardas Territoriais do País em Polícia Militar, colhendo, in-loco, as

informações de ordens administrativas e pessoais dos chefes interessados no assunto, temos a imensa satisfação de participar-vos a conclusão dos referidos trabalhos, neste Território.

Ao despedirmo-nos dos bons amigos dessa Guarda queremos agradecer-vos, pessoalmente, a lhanza do trato e a consideração que nos foram dispensados e deixar bem patente a boa impressão colhida no seio dos seus oficiais, sargentos e outras praças, quer quanto à disciplina mantida, quer quanto ao grau de sadir camaradagem reinante nos círculos respectivos, o que ressalta, de modo concludente, o esforço e o boa vontade de bem servir ao Acre e ao Brasil.

Cumprimos um dever de justiça exaltando aqui a maneira gentil e mesmo cativante dos srs. majores Francisco Sobreira Cavalcanti e Gerardo Parente Soares, capitão Dario d'Azincourt, 1.º tenente Carlos Martinho Rodrigues de Albuquerque e dr. Antônio José da Silva, os quais, numa demonstração eloqüente de cavaleirismo e solicitude, muito próprias do Povo Acreano, não mediram esforços nem cogitaram de suas conveniências particulares, na tarefa a que se propuseram, de proporcionarmos, durante o tempo em que aqui nos achamos, constante apóio moral e material.

E' também um sagrado dever deixarmos consignada neste documento a surpresa que nos causou a Banda de Música da Guarda, no que diz respeito à sua disciplina e à sua eficiência artístico-musical, nada devendo às suas congêneres em idênticas organizações. O trabalho diário desse bravo punhado de homens é

digno de apreciação e merece, sem favor algum, o justo e alto conceito de que goza no seio do Povo do Acre. Ao Mestre os nossos sinceros parabens e os ardentes votos pelo progresso musical de sua fração que, embora pequena no número, é grande no valor.

AMAZONAS

NOVA TABELA DE VENCIMENTOS

Transcrevemos aqui a nova tabela de vencimentos do pessoal da Polícia Militar Amazonense, para o corrente ano de 1954. — «Lei n.º 283, de 22-12-953, Tabela n.º 19: — apresentação ao comandante, Cr\$1.000,00; coronel, 8.900,00; tenente coronel, 6.900,00; major, 6.400,00; capitão, 5.900,00; primeiro tenente, 5.400,00; segundo tenente, 4.900,00; subtenente, 3.150,00; primeiro sargento ajudante, 2.650,00; primeiro sargento, 2.450,00; segundo sargento, 2.250,00; terceiro sargento, 2.050,00; cabo, 1.500,00; soldado tambor-corneteiro, 1.500,00; soldado, 1.300,00».

Aos elementos com mais de 10, 20 ou 30 anos de serviço é atribuída gratificação adicional de 10%, 20% ou 30%, conforme o caso.

Aos componentes da Polícia Militar foi concedido o salário-família de Cr\$ 50,00 para cada filho;

Aos oficiais, nomeados para Comissões no interior do Estado (Delegacias de Polícia, Delegacias Especiais, etc.), é concedida a «ajuda de custo» de um mês de vencimentos e diárias de Cr\$ 50,00, enquanto permanecerem em Comissão; quando a nomeação é para cidades situadas em regiões longínquas do Es-

tado a «ajuda de custo» é de dois meses de vencimentos, mas se a nomeação for para qualquer Comissão fora do Estado a «ajuda de custo» é de três meses de vencimentos e diárias de Cr\$ 150,00 a contar da data do embarque até à da apresentação, no regresso.

BAHIA

ANIVERSARIO DA POLÍCIA MILITAR

Como nos anos anteriores, foi comemorado festivamente o 129.º aniversário da Polícia Militar, no dia 17 de fevereiro. As 9 horas, na Igreja da Piedade, foi celebrada solene missa de ação de graças, notando-se, entre os assistentes que foram levar suas congratulações ao Comando Geral da corporação, as seguintes autoridades: desembargador Andrade Teixeira, presidente do Tribunal de Justiça; dr. Flaviano Osório Pimental, secretário da Segurança Pública; dr. Antônio Simões, secretário de Saúde; dr. Expedito Cruz, secretário do Interior e Justiça; deputado Antonino Pedreira e Renato Mesquita, pela Assembléia Legislativa; dr. Otávio Mangabeira, ex-governador do Estado; ten. cel. Pedro Vieira Lima, comandante do Corpo Municipal de Bombeiros; cel. Antenor Cossenza, consultor jurídico da Secretaria de Segurança; cap. Pedro Pintaluga, representante do Comando da 6.ª Região Militar; capitão-tenente Waldir Martinho, representando o Comando do 2.º Distrito Naval; cap. Inácio Cidreira, representando o prefeito da Capital. O sr. governador Régis Pacheco, em vista de se encontrar, na ocasião, em viagem oficial pelo interior do Estado, fêz-se representar

pelo seu ajudante de ordens, capitão Edson Franklin de Queiroz, e endereçou ao cel. José Isidro de Souza, comandante geral, o seguinte telegrama: «No ensejo transcurso do aniversário da gloriosa Polícia Militar do Estado venho apresentar ao seu digno Comandante que superiormente encarna excepcionais virtudes de cidadão e soldado as minhas cordiais congratulações extensivas a todos aqueles que se filiam nessa milícia vigilante das mais destemidas dos princípios da ordem, da legalidade, da soberania do nosso glorioso Estado».

No mesmo dia, foi votada, na Assembléa Legislativa do Estado, a seguinte moção, de autoria do deputado Ebenezer Cavalcante: «Transcorrendo, hoje, o 129.º aniversário de organização da Polícia Militar da Bahia, cujas tradições de glória e de bravura se confundem com a própria história da Bahia, a Assembléa Legislativa congratula-se com a aludida corporação, a que jamais tem faltado com a sua palavra de estímulo e com o seu apóio nas justas e legítimas reivindicações».

Várias outras mensagens de congratulações recebeu o Comando Geral da corporação aniversariante, de altas autoridades militares e civis, do Estado e do País, valendo transcritas aqui as seguintes:

— Do Comandante da Fôrça Pública de S. Paulo: «Aceite gloriosa co-irmã com admiração e carinho, abraço fraternal da Fôrça Pública de S. Paulo pela passagem da querida efeméride».

— Do Comandante da Brigada Militar do Rio Grande do Sul: «Em nome da Brigada Militar e no meu próprio, envio a valorosa co-irmã pe-

lo transcurso amanhã de mais um aniversário de gloriosa existência, as nossas saudações e votos de crescente prosperidade».

POSSE DA NOVA DIRETORIA DO CLUBE DOS OFICIAIS

Em prosseguimento ao programa de festividades do aniversário da Polícia Militar, realizou-se, às 20 horas do dia 17, em sua sede provisória, a posse da Diretoria e do Conselho Deliberativo do Clube dos Oficiais, órgãos que ficaram assim constituídos:

DIRETORIA: — presidente, major Demóstenes Paranhos; 1.º vice-presidente, cap. Genival de Freitas; 2.º vice-presidente, cap. José Elói de Carvalho; 1.º secretário, cap. Laurildo Lima Barreto; 2.º secretário, 2.º ten. José de Oliveira Andrade; diretor cultural, 1.º ten. José Máximo Jandiroba; diretor recreativo, asp. Jurandir Kuim de Souza; diretor de esportes, major Antônio Dórea Kuim; orador oficial, 1.º ten. José Lopes Modesto; 1.º tesoureiro, asp. José Leonardo Marinho Neto; 2.º tesoureiro, asp. José Henrique dos Santos.

CONSELHO DELIBERATIVO: — ten. cel. Francisco Moitinho Dourado, presidente; ten. cel. Francisco Pedro da Fonseca, vice-presidente; 1.º secretário, cap. Tescon Rodrigues Nogueira; 2.º secretário, 2.º ten. Antônio Roque da Silva. Comissão Fiscal: — caps. Odilon Militão, Durval Brito e Reginaldo Ferreira de Almeida. Comissão de Sindicância: — major Luís da França Ramos, cap. Euvaldo Pinho e ten. Otávio Falcão Brandão Sobrinho.

A sessão solene foi presidida pelo cel. comandante geral, José Isidro

de Souza, também presidente de honra do Clube. Falou o orador oficial, ten. José Lopes Modesto, que fez um brilhante discurso sobre a Polícia Militar, até projetar o Clube dos Oficiais como uma das grandes conquistas da família miliciana da Bahia. Em seguida obteve a palavra o major Demóstenes Paranhos, presidente empossado, que, em rápido improviso, disse dos seus propósitos à frente da nável agremiação, num trabalho assíduo e eficaz para consolidar o conagraamento de todos os oficiais, ativos e inativos, e incentivar o intercâmbio com outras organizações sociais da nossa Bahia. Falou, ainda, o tenente Francisco Ney Ferreira, que saudou os novos dirigentes do Clube e teceu considerações sobre o aniversário da Polícia Militar, ressaltando a ação operosa que vem tendo à sua frente o cel. José Isidro, cujo espírito de classe, aliado ao carinho com que vem tratando as reais aspirações da Polícia Militar e dos seus comandados, há atraído as simpatias gerais da oficialidade. Como último orador inscrito, falou o major Dórea Kuim, sobre as atividades do Clube na gestão então finda.

Encerrando a sessão, o cel. Isidro agradeceu as homenagens que lhe renderam os seus comandados e consócios, louvou a atuação do Clube dos Oficiais como elemento de leal cooperação ao seu comando, traçou a situação geral da Polícia Militar, e congratulou-se com os novos dirigentes, fazendo votos para que os mesmos continuassem o trabalho de alevantamento social e cultural objetivado pela agremiação referida.

CEARÁ

COMPLETOU 20 ANOS O CB DE FORTALEZA

O Corpo de Bombeiros de Fortaleza comemorou, no dia 1.º de janeiro p.p., o seu vigésimo ano de bons serviços prestados à coletividade cearense. Fundado em 1934, na gestão interventorial do major Carneiro de Mendonça, a eficiente corporação da Praça Fernandes Vieira, que foi inicialmente, comandada pelo capitão Francisco Nogueira Caminha, hoje coronel reformado da Polícia do Ceará, desde aquela data, tem desempenhado, com saldo credor, a missão que lhe foi confiada. Hoje, quando completa 20 anos, tem como comandante o major Mozar Gondim.

Para os festejos comemorativos foi elaborado e executado expressivo programa, dele se destacando: missa campal, celebrada pelo capelão, pe. Arquimedes Bruno; demonstração profissional; partida de basquetebol entre as equipes da corporação e do Clube General Sampaio; churrasco oferecido às praças; churrasco às autoridades e convidados; e vespéral dansante, oferecida às praças e suas famílias.

DISTRITO FEDERAL

(POLÍCIA MILITAR)

ATIVIDADES VISANDO A SEGURANÇA DA POPULAÇÃO

Fundada em 13 de maio de 1809, com o nome de Divisão Militar da Guarda Real de Polícia, quando ministro da Justiça o padre Diogo Antônio Feijó, desde aquela época a PMDF, que teve entre os seus primeiros comandantes o tenente-coronel Luís Alves de Lima e Silva, depois Duque de Caxias,

vem, desde então, prestando excelentes serviços à população carioca. Agora mesmo há a destacar a recente criação do policiamento ostensivo das zonas norte e sul da cidade.

Para que se tenha ligeira idéia das atividades que, atualmente, desenvolve a PM, basta citar que, diariamente, mais de 5 mil milicianos são destacados para as mais diferentes tarefas de guarda e policiamento no centro urbano e nos subúrbios. A par desses serviços, a Polícia Militar mantém destacamentos destinados à manutenção da ordem, segurança individual e da propriedade privada em mais de 40 lugarejos do território do Distrito Federal.

Merece ainda especial referência a colaboração que está, atualmente, prestando ao Serviço de Trânsito da cidade que, embora contando com uma outra organização para fazê-lo, tem também, à sua disposição, numeroso contingente de milicianos, que, pela disciplina e noção do dever, têm merecido elogiosas referências.

O efetivo da Corporação

Em recentes declarações feitas à imprensa, o comandante da corporação, coronel João Ururahy de Magalhães, referiu-se aos claros ainda existentes nos quadros da corporação, oportunidade em que reafirmou que a PM, para poder cumprir com o máximo de eficiência as altas funções de que está inves-

tida, necessita do efetivo mínimo de 20 mil homens.

Além dos seus 308 oficiais, divididos entre os combatentes e os dos serviços auxiliares, aqueles em número de 241 e estes de 33, a Polícia Militar conta, presentemente, com o efetivo de 6.786 homens, incluindo-se 497 praças especialistas, (mecânicos, enfermeiros, artífices, etc.), que, pela natureza das funções que exercem, estão impossibilitados de colaborar no policiamento preventivo da cidade.

A carreira policial-militar

Hoje em dia, nenhum posto e nenhuma das funções existentes na Polícia Militar pode ser ocupado por quem não demonstre as indispensáveis aptidões.

O candidato ao oficialato da corporação é obrigado a freqüentar a Escola de Formação de Oficiais, cujo curso tem a duração de 3 anos, findos os quais é considerado aspirante a oficial. E daí em diante, para galgar novos postos, o aspirante é obrigado a fazer uma série de cursos novos, sem os quais não poderá atingir o posto máximo da carreira, que é o de coronel de polícia. Só quando atinge esse posto o oficial pode exercer o comando de um Batalhão Policial.

A nova Escola de Formação de Oficiais

Verificando a necessidade de dotar a Corporação dos meios capazes de

COSME E DAMIAO

Têm sido excelentes os resultados obtidos com a nova modalidade de policiamento ostensivo, inaugurada, no corrente ano, pela P.M. do Distrito Federal. A começar por Copacabana, os policiais foram distribuídos, geralmente, de dois a dois, tendo a seu cargo um pequeno setor. Mas o espírito do carioca, sempre alerta, não se fez esperar: passou a chamar a esses dois homens de Cosme e Damião...

concorrer para a elevação do seu nível técnico e social e dado o interesse do governo nesse sentido, o atual comandante geral da Polícia Militar, está fazendo construir a nova Escola de Formação de Oficiais, na Invernada dos Afonsos, em obediência aos mais modernos requisitos da técnica. Está, igualmente, ultimando preparativos para a melhoria e ampliação das instalações da atual Escola de Recrutas.

COMPLETO, ATÉ O FIM DO ANO, O POLICIAMENTO DO RIO

Em novas declarações à imprensa carioca, no dia 7 do corrente, o cel. João Ururahy de Magalhães, comandante da PM, afirmou que até o fim do ano o policiamento da cidade estará completo, adiantando ainda que 2/3 do plano elaborado para dotar a cidade de policiamento adequado estarão em execução até meados de 1954.

Capacabana, o primeiro

Copacabana foi o primeiro bairro a ser dotado do novo policiamento, devendo-se tal fato à sua característica de densa população e de ter um índice de criminalidade muito elevado.

Os resultados têm sido excelentes e, por isso mesmo, já é decisão das autoridades entregar-se todo o policiamento da cidade à PM. Neste bairro são feitos, diariamente, cerca de oito flagrantes. O material humano é especialmente treinado para a função, por isso que são muito raras as faltas verificadas.

Os próximos bairros

"Mais dez dias e estenderemos o novo policiamento ao Leblon, ao Méier e ao Engenho Novo, que estão requerendo mais urgentemente a nossa atenção".

Os subúrbios da Central

"Os subúrbios da Central serão policiados com cavalarianos. A maior rapidez de locomoção e os maiores trechos que poderão ser cobertos pelo tomem a cavalo indicam tal lançamento".

Mas... faltam homens, fardamento e transporte

"A falta de policiais, fardamento e transporte é o que retarda o desenvolvimento do plano". E acrescentou: "Obtivemos todo o apoio do ministro da Justiça, mas as deficiências orçamentárias dificultam a ampliação do policiamento".

INAUGURADO, NO MÉIER, O POLICIAMENTO OSTENSIVO

Ultimando mais uma fase do plano elaborado pelo comando da PM, realizou-se, na tarde do dia 26 deste mês, no Jardim do Méier, a inauguração do policiamento ostensivo daquele subúrbio, que se estenderá ao Engenho Novo e adjacências.

A solenidade, além do cel. Ururahy de Magalhães, comandante da PM, compareceram: o representante do chefe de Polícia; ten. cel. Manoel da Graça Lessa, chefe do Gabinete do CG; ten. cel. Jair Gomes, chefe do Estado Maior; comandantes de corpo, serviço e repartição, bem como o delegado e demais autoridades do 22.º Distrito Policial.

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

COLABORAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NOS INCÊNDIOS

Das mais estreitas é, desde há muito tempo, a relação existente entre o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar,

sendo que, no século passado, o primeiro era parte constituinte da segunda.

Todavia, com o passar do tempo e a ampliação dos serviços das duas corporações, tornou-se necessária uma descentralização e, hoje, embora separadas administrativamente, ambas coexistem, na mais perfeita colaboração, o que, por exemplo, se observa por ocasião dos incêndios. Ao mesmo tempo que, para o local do sinistro, parte uma turma de soldados do fogo, a Polícia Militar faz seguir um contingente de praças com a missão de interditar o local, afastar os curiosos dos pontos mais perigosos, concorrendo, assim, para maior facilidade no combate às chamas.

OS BOMBEIROS NAO DISPOEM DE CARROS-PIPAS PARA SO-CORRER A POPULAÇÃO

O Comando do CB fêz distribuir à imprensa do Rio o seguinte comunicado:

"Este comando vem recebendo inúmeros pedidos para abastecimento d'água de residências particulares, alegando, alguns interessados, já terem visto viaturas do Corpo de Bombeiros fazendo êsse serviço, o que, em absoluto não é verídico, porquanto esta Corporação só possui um único auto bomba tanque, que permanece de prontidão para incêndio, no 1.º socorro, de onde não pode ser afastado.

Cabe esclarecer que outras Corporações possuem não somente material igual, como também bombeiros uniformizados como os d'êste Corpo".

ESPÍRITO SANTO

COMPLETOU 32 ANOS O CB DE VITÓRIA

Por decreto do cel. Nestor Gomes, presidente do Estado, foi criada, no dia

31 de dezembro de 1921, uma secção de Bombeiros, anexa à Polícia Militar. O seu primeiro material consistia em uma bomba a vapor, de fabricação "Merrywether", inglesa, que, em 1928, no governo do dr. Aristeu Borges de Aguiar, foi substituída por duas auto-bombas completamente equipadas com escada prolongável, escadas de um e dois ganchos croque, paraquedas, extintores químicos de espuma, holofótes, etc., material êsse que está sendo substituído por novo, ainda da mesma fabricação, e que consiste em uma auto-escada mecânica de três secções que desenvolve trinta metros, uma auto-pipa com bomba e de capacidade de 5.000 litros, um auto-caterial moderno e duas bombas reboque, de grande potência.

O primeiro comandante do Corpo de Bombeiros de Vitória foi o tenente Brito. E' seu atual comandante o Capitão Aldo Baroni.

MINAS GERAIS

ELEITO E EMPOSSADO O NOVO PRESIDENTE DO TSJM

O Tribunal Superior de Justiça Militar vem de eleger o seu novo presidente, o cel. Américo de Magalhães Góis, em substituição ao cel. Edison Neves. Êste, em breve alocução, felicitou o novo presidente e convidou-o a tomar assento na presidência. Em seguida, o cel. Magalhães Góis agradeceu, em brilhantes palavras, a sua eleição, assegurando que tudo faria para corresponder à confiança dos seus colegas e manter, bem alto, o nome do Tribunal, como o fizera o seu antecessor.

ESCOLA "CAIO MARTINS"

Foi designado para exercer o cargo de diretor da Escola "Caio Martins",

de Pirapora, o cap. João José de Almeida, que já assumiu as suas novas funções.

ANIVERSARIO DA CORPORAÇÃO

Tiveram lugar, em Belo Horizonte, os festejos comemorativos do 117.º aniversário da milícia mineira.

Uma das principais partes do programa de comemorações que, por isso mesmo, despertou interesse, pelo brilhantismo de que se revestiu, foi, sem dúvida o imponente desfile militar, realizado às 11 horas do dia 31 de janeiro p.p., em homenagem ao governador do Estado. Um grande contingente sob o comando do ten. cel. Egídio Benício de Abreu, cmt. do Batalhão de Guardas, desfilou pela avenida Afonso Pena, passando posteriormente em frente ao Palácio da Liberdade. O governador Juscelino Kubitschek, de um palanque ali armado, assistiu ao desenrolar de toda a belíssima parada.

Achavam-se ainda presentes todos os representantes do mundo oficial, representantes de Minas na Câmara Federal, parlamentares estaduais, outras altas autoridades civis e militares e figuras de destaque em nossos círculos políticos e sociais.

Grande massa popular enchia por completo, todo aquêlo logradouro público.

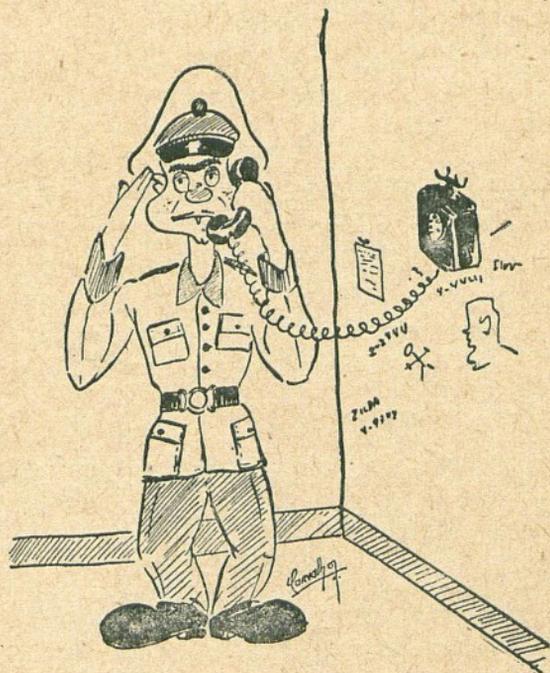
Após a revista à tropa, na avenida Afonso Pena, que foi feita pelo governador Juscelino Kubitschek, acompanhado pelo cel. Nêlio Cerqueira Gonçalves, comandante geral da Polícia Militar, do cel. João Ururai de Magalhães, comandante da milícia carioca, do capitão de mar e guerra Augusto Vieira, da Marinha do Brasil e do major Afonso Heleodoro dos Santos, iniciou-se o desfile.

O contingente, integrado pela grande Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, em uniforme de gala, por uma companhia de Polícia Militar do Distrito Federal, Batalhão de Guardas, viaturas de Corpo de Bombeiros e o Esquadrão de Cavalaria, deslocou-se pelas ruas Tamoios e Rio de Janeiro, avenida Bias Fortes até atingir a praça da Liberdade, ali desfilando em continência ao governador do Estado.

Durante a parada, uma esquadrilha de aviões a jato da FAB, fez interessante evoluções sobre a cidade, despertando o inédito espetáculo um interesse incomum, pela grandiosidade de que se revestiu.

O ponto alto das comemorações foi a "invasão de confraternização", através da presença, na bela capital do Estado Montanhês, de uma subunidade do

ZÉ CHALEIRA



— Pronto meu Coronel! Posso baixar a mão? (De *Libertas*, n.º 14).

4.º BI da PMDF, além de delegação de oficiais da co-irmã carioca, chefiada pelo próprio comandante, cel. João Uruahy de Magalhães, que se fez acompanhar dos tens ceis. Graça Lessa, chefe do Gabinete do Comando, Silvestre Travessos, diretor de Engenharia, — Walter Guimarães, comandante do Regimento de Infantaria, — Jair Gomes, chefe do Estado Maior; capitães Silva Castro, Hélio Gonçalves, Duque Estrada, Geraldo Magalhães, Waldir Miranda e José Nicodemos e ten. Jasson Marcundes, oficial de Relações Públicas e também representante deste mensário, junto à PMDF.

Emprestou real e singular brilho às comemorações, empolgando a multidão, a Banda de Música dos Fuzileiros Navais, não só pelo colorido do seu tradicional uniforme, como também pela conhecida marcialidade com que costuma se apresentar.

RIO DE JANEIRO

PROMOVIDO DOR ATO DE BRAVURA

O governador do Estado vem de promover ao posto de 3.º sgt. o cabo Paulo Dezerto da Silva, que, num gesto de bravura, conseguiu evitar, com risco da própria vida, que se incendiasse um combôio da EFCEB, cheio de explosivos, que se achava parado na estação de Itacuruçá.

RIO GRANDE DO NORTE

INAUGURADA A SEDE DA SBSSPM.

Realizou-se, no dia 28 de dezembro último, na rua Presidente Bandeira, a inauguração da nova sede da Sociedade Beneficente dos Subtenentes e Sar-

gentos da Polícia Militar, localizada em prédio que foi construído graças ao esforço dos seus dirigentes e à colaboração dos poderes públicos norterrriograndenses.

O ato foi presidido pelo governador Silvío Pedrosa, o qual, depois de cortar a fita simbólica, declarou-o inaugurado.

Pela sra. cel. Luciano Veras Sandanha foi oferecida uma flâmula, à Sociedade, gesto que foi acolhido como prova de apreço do ilustre casal, à entidade.

Usaram da palavra, sucessivamente, o sargento Antônio Monteiro, fazendo um relato do que foi a edificação da sede, e o sargento Luís Firmino da Silva, orador da Sociedade. Falou, por fim, o governador Pedrosa.

Foi servido um churrasco aos presentes, depois da solenidade de inauguração, seguido de uma tarde dansante.

Compareceram, além do governador e do comandante da PM, os comandantes do Destacamento Misto Naval, da Base Aérea, do 16.º RI e Regimento Antiaéreo; oficiais da milícia, famílias dos elementos da milícia potiguar, associados da SBSSPM e pessoas gradas.

Durante as festividades tocou a banda de música da corporação.

RIO GRANDE DO SUL

INICIADAS AS OBRAS DO NOVO QUARTEL DO CB

Finalmente, foram iniciados os trabalhos para construção do novo quartel para os homens do fogo de Pôrto Alegre, no Caminho do Meio.

O dr. Teobaldo Neumann, secretário do Interior, foi a autoridade que deu os passos decisivos para que essa

velha aspiração se transformasse em realidade.

Em palestra com os jornalistas, informou, o dr. Neumann, que o quartel constará de um grupo de pavilhões de dois andares, com o objetivo de abrigar, no primeiro andar, as guarnições, e, na parte térrea, as viaturas e petrechos. O custo orçado da obra é de Cr\$ 13.702.111,00, sendo de notar que os trabalhos de terraplenagem já foram iniciados. As obras deverão prosseguir em ritmo acelerado para que, dentro do prazo previsto de três anos, sejam concluídas.

Convênio com a Prefeitura Municipal

Revelou ainda o secretário do Interior que, dentro em breve, proporá ao governador a execução de um convênio com a Prefeitura de Pôrto Alegre, a exemplo do que já existe com numerosas prefeituras do interior. Por esse convênio a Prefeitura, se incumbirá de colocar os 150 hidrantes necessários ao serviço de bombeiros na cidade e, para o futuro, nos novos bairros que fôrem surgindo, essa obrigação será sempre sua. Convém salientar, aliás, ainda de acôrdo com as informações do dr. Theobaldo Neumann, que a Prefeitura Municipal é devedora, ao Estado, da importância aproximada de oito milhões de cruzeiros, ou seja o total da taxa arrecadada para proteção contra incêndio e que não foi recolhida ao Tesouro do Estado.

Novas mangueiras

Encerrando suas declarações, anunciou o dr. Theobaldo Neumann que nos primeiros dias do mês de fevereiro estarão em Pôrto Alegre onze mil metros de mangueiras de fabricação alemã, com o que ficará totalmente suprido o Corpo de Bombeiros, vendo sanada sua

maior deficiência. Destacou, finalmente, que a construção da nova sede do Corpo de Bombeiros e o reequipamento dessa corporação representa apenas a primeira fase do plano de expansão do serviço de combate ao fogo em Pôrto Alegre, pois a segunda etapa constará do erguimento de uma série de pequenas estações de bombeiros nos bairros, a exemplo do que já existe na Floresta.

NOMEADOS OFICIAIS

Em face da aprovação obtida em concurso a que se submeteram, foram nomeados: capitães médicos, os drs. Manoel Krimberg, Nelton Severino Zanenga, Rubem Falcão Padilha e Paulo Fett; 1.º ten. dent. interino, o dr. Herbert Somme; 1.º ten. veterinário, os drs. Ivan Carlos von Poser e Danilo Luís Krause.

MATRICULADOS NO CFO

Foram matriculados, no Curso de Formação de Oficiais, os 2.º sgt. Manoel Francisco Fernandes Abadie, 3.º sgt. Agostinho Minervino da Silva Filho, sds. Francisco Pereira Neto e Pedro Paulo Lemos de Moraes Farrapos, do 1.º BC; 3.º sgt. Adão Gusmão dos Santos, do 3.º BC; 3.º sgt. Firmo Machado e sd. Leo Garcia da Silveira, do 5.º BC; 3.º sgt. Adauto Garcês da Silva, Leonardo Marzack Filho, Athaydes Antônio Gonçalves, Nahyr Pereira da Silva e Enir Barbosa da Silva, sd. Wilson Pontes Carpes e civil Carlos do Nascimento Mazzilli, do CIM; 3.º sgt. Ertose Rico e sd. Cícero Sabino Russi, do Ctg. do QG; 2.º sgt. Wenceslau Ary Sena, do ESBM; 2.º sgt. Luís Nunes Ramos e 3.º sgt. Cândido Ribas da Silva, do HBM-PA e civil Roberto Baizrdos Santos.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.
— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — cap. Edson Franklin de Queiroz
— 3.º B.C. (Juazeiro) — 1.º ten. Salatiel Pereira de Queiroz.

CEARÁ (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Jason Marcondes.
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Herani Alves de Brito Melo.
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — 1.º ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury.
— Agência Distribuidora de Jornais e Revistas— R. Nilo Peçanha, 1 — Rio Verde.

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luís) — 1.º ten. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.
— 2.º B.C. (Campo Grande) — 2.º ten. cont. André Bastos Jorge.
— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — cap. Luiz Zaramela.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— B.G. (Belo Horizonte) — cap. Antônio Norberto dos Santos.
— 8.º B.I. (Lavras) — 1.º ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — cap. José Guilherme Ferreira
— 3.º B.I. (Diamantina) — 1.º ten. Geraldo Francisco Marques

PARA (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. José Barbosa de Vasconcelos.

PARAÍBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.

PARANA (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — major Washington Moura Brasil.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — ten. Oswaldo Duarte Carvalho.

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — major Walter Zulmiro Pereira de Castro.

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — cap. Antônio Morais Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Pôrto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.

— 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.

— 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.

SAO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.

— C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.

— B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima

— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — asp. Eugênio Augusto Sarmiento.

— R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumercindo Guimarães.

— C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.

— B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaícuru de Carvalho.

— 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.

— 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luís Nobrega e Silva.

— 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.

— S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.

— S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvêa Franco Junior.

— S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.

— E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.

— S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.

— S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molica.

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godoi.

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.

— 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.

— Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.

— Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmar C. Costa.

— Polícia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



O cabo Luís Gonzaga Rodrigues, um dos maiores fundistas do mundo, recebe um dos prêmios a que fez jús quando se classificou em 3.º lugar na "São Silvestre" de 1953.



EMPOLGANTE A

“XXIX SÃO SILVESTRE”

A presença de Zatopek constituiu um espetáculo à parte — Brilhante vitória do cabo Luís Gonzaga Rodrigues, superando 23 nomes internacionais — Vitória coletiva da Fôrça Pública de S. Paulo

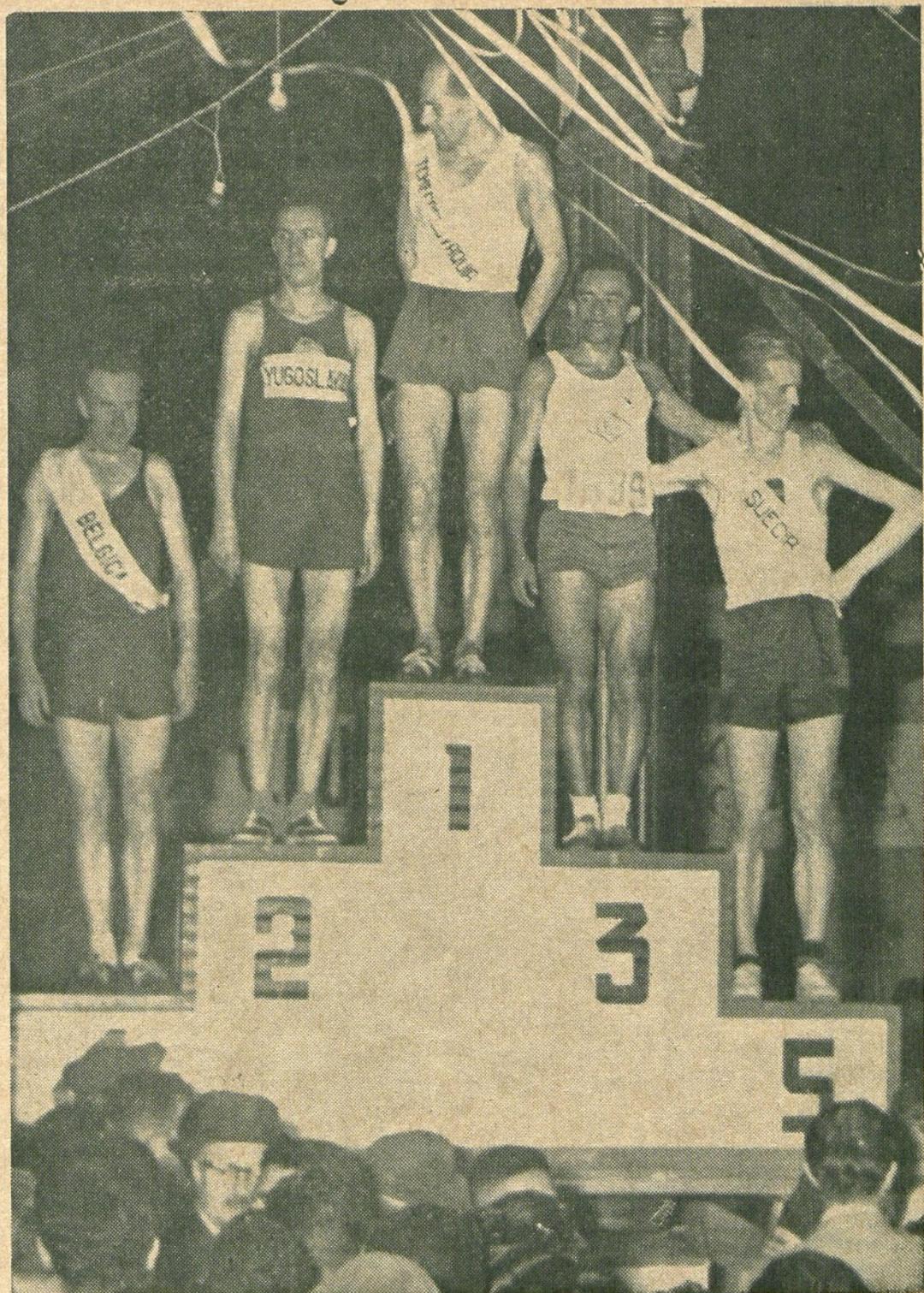
Como nos anos anteriores, o encerramento das atividades desportivas de 1953 deveria constituir um acontecimento de grande projeção. E o foi, sem dúvida. A disputa da tradicionalíssima competição internacional de pedestrianismo, a clássica «Corrida de São Silvestre», grande

iniciativa de «A Gazeta», foi festa, uma magnífica festa de fim de ano, dada a importância da sua representação, quando desfilaram, na chegada, defronte ao edifício «Casper Líbero», mais de um milhar de atletas nas suas multicores camisas. 25 dêles representaram 14 nações competidoras.

EMIL ZATPEK — GRANDIOSO !

Com os prognósticos todos a seu favor, Zatopek impressionou um milhão de pessoas que se acotovelavam no percurso dessa majestosa prova.

Zatopek correu como quis. Foi apanhado de surpresa pela partida inesperada (dada antes da hora), mas não se impressionou com o fato,



Os cinco primeiros classificados na "São Silvestre" de 1953. 1.º Zatopek, da Checoslováquia; 2.º Mihalic, da Iugoslávia; 3.º Gonzaga, do Brasil; 4.º o representante da Bélgica e, 5.º o representante da Suécia.



O campeoníssimo Zatopek, figura ímpar do pedestrianismo contemporâneo.



Mihalic, o campeão da "São Silvestre" de 1952 é, sem dúvida, uma das expressões maiores do pedestrianismo mundial.



Luís Gonzaga Rodrigues, cujas atuações têm elevado o nome do Brasil no conceito dos sportistas de todo o mundo, impôs-se como um dos mais perfeitos fundistas dos nossos dias.

procurando dominar a situação. E o fez com inteligência. Correu a princípio com prudência, adiantou-se mais tarde e, tomando a ponta, agigantou-se para a primeira colocação, sem nunca mais perdê-la. Muita distância o separou do 2.º classificado, Mihalic, iugoslavo, outro grande atleta. A fim de que se confirme esta gigantesca atuação, vejamos, abaixo, os principais títulos desse notável campeão mundial:

Recordista mundial de várias provas.

Campeão Olímpico dos 10.000 metros, em Londres - 1.948.

Tricampeão Olímpico de Helsinki, em 1.952, nas seguintes provas: 5.000, 10.000 e Maratona.

Emil Zatopek é considerado «a locomotiva humana», e o seu estilo e resistência impressionaram os técnicos e os aficionados do desporto base. E', sem favor nenhum, o maior corredor de todos os tempos.

CABO LUÍS GONZAGA RODRIGUES — GLÓRIA DO BRASIL!

SARGENTO LAUDIONOR RODRIGUES DA SILVA — OUTRO EXPOENTE DE PRIMEIRA GRANDEZA.

Repetindo o feito do ano passado, Gonzaga alcançou, com bastante mérito, uma classificação que o coloca no plano dos maiores fundistas do mundo. Correu com prudência, própria dum campeão experimental, estudando as possibilidades dos seus adversários e conhecendo até quando e como poderia correr, empregando, na justa medida, o justo esforço. Coração para frente, dan-

do-lhe uma coragem desmedida, Gonzaguinha representou condignamente a F.P.S.P., dando ao Brasil um título de honra frente aos grandes cartazes internacionais. Laudionor

Rodrigues esteve magnífico desta vez, obtendo o 13.º posto. Foi o segundo homem da nossa equipe, tornando-se um dos artífices da nossa vitória.

A CLASSIFICAÇÃO DA NOSSA EQUIPE — OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Muito bem chefiada pelo ten. Thiele, instrutor da especialidade, auxiliado grandemente pelo sgt. Furlaneto, ambos da E.E.F., a nossa equipe portou-se à altura das tradições do pedestrianismo da milícia.

Esses dois elementos tudo fizeram para bem orientar a representação da nossa Fôrça Pública. E os nossos atletas souberam corresponder às expectativas dos seus milhares de companheiros que os aplaudiam para a vitória.

A nossa equipe sagrou-se campeã das Fôrças Armadas, bisando o feito de 1952. Por larga margem de pontos tornou-se a vencedora nessa categoria, colocando extra-contagem de pontos a 2.ª equipe, também. Se a Fôrça Pública pudesse concorrer com as equipes civis, seria, indubitavelmente, a vice-campeã máxima da «São Silvestre», logrando o 2.º lugar geral por equipes, isto é, perdendo somente da Argentina.

A classificação individual da nossa equipe foi a seguinte:—

- 3.º lugar — cabo Luís Gonzaga Rodrigues - E.E.F.
- 13.º lugar — sgt. Laudionor Rodrigues da Silva - E.E.F.
- 22.º lugar — cabo Joaquim Gonçalves da Silva - E.E.F.
- 27.º lugar — sd. José Sotero de Araujo - 4.º B.C.
- 38.º lugar — sd. José Vitoriano - 2.º B.C.
- 39.º lugar — sd. Floriano Avelino Cordeiro - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 41.º lugar — sd. João da Silva - 5.º B.C.
- 44.º lugar — sgt. Antônio José Alves - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 56.º lugar — sd. Valdemar Coimbra - B.G.
- 60.º lugar — sd. Valdemar Elói Pereira - do B.P.
- 65.º lugar — sd. Gabriel Cândido - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 73.º lugar — sd. Nelson Muniz de Souza - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 124.º lugar — sd. Fortunato Gonçalves Mendes - 5.º B.C.
- 137.º lugar — sd. Juarez Moreira de Souza - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 144.º lugar — sgt. José Batista de Paula - C.B.
- 148.º lugar — sd. Fortunato Neves de Oliveira - B.G.
- 176.º lugar — sd. Aluísio Bezerra de Lima - Btl. «Tobias de Aguiar»
- 184.º lugar — sgt. Osvaldo Gonçalves Mendes - E.E.F.
- 291.º lugar — sd. Roberval de Souza - B.P.

Devemos ressaltar as classificações que obtiveram os atletas sgt. Laudionor Rodrigues, cabo Joaquim Gonçalves e, especialmente, José

Sotero Araujo que, alcançando a 27.^a classificação, deixou à sua retaguarda da vários corredores internacionais. Entretanto, toda a equipe portou-se muito bem, não ultrapassando a 300.^a classificação.

Classificação coletiva

- 1.º lugar — FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE S. PAULO - 103 pontos
- 2.º lugar — Ass. Desportiva da Guarda Civil - 524 pontos
- 3.º lugar — Marinha do Brasil - 836 pontos
- 4.º lugar — Polícia Militar do Distrito Federal - 868 pontos.

Podemos destacar, ainda, que a Fôrça Pública de São Paulo, na classificação de 3 atletas, conseguiu sobrepular 3 países sul-americanos, obtendo com isso uma segunda colocação. Dessa forma, a nossa seria a segunda equipe da AMÉRICA DO SUL, como veremos abaixo:

- 1.º lugar — ARGENTINA - 28 pontos
- 2.º lugar — FÔRÇA PÚBLICA DE S. PAULO - 38 pontos
- 3.º lugar — URUGUAI - 42 pontos
- 4.º lugar — CHILE - 96 pontos
- 5.º lugar — PARAGUAI.

Prêmios conquistados

Além das medalhas individuais conquistadas por todos os componen-

tes da equipe, coube-nos ainda a posse definitiva do troféu «A GAZETA ESPORTIVA».

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651 — 2.º andas — Fone 37-1681 — SÃO PAULO

FEDERAÇÃO PAULISTA DE TIRO AO ALVO

PROVA "COMPANHIA BRASILEIRA DE CARTUCHOS"

HOMENAGEM AO IV CENTENARIO DA CIDADE

Em comemoração à passagem do IV Centenário da Cidade de São Paulo, a Federação Paulista de Tiro ao Alvo programou para o dia 31 do mês de janeiro último, a primeira prova do ano, em disputa do troféu oferecido pela Companhia Brasileira de Cartuchos. Esse magnífico TORNEIO reuniu no aprazível estande da Força Pública, no Barro Branco, quase três centenas de adeptos do esporte da visada.

Coletivamente, sagrou-se campeão o «hinterland», por uma de suas mais prestigiadas equipes — a As-

sociação Mogiana de Tiro ao Alvo. Venceu individualmente o capitão Jorge Mesquita de Oliveira, totalizando 284 pontos, e conseguindo, com esse índice, o recorde paulista de revólver a 25 metros, em alvo internacional. Dividiram-se os competidores, para efeito de classificação, em três categorias: «veteranos», «seniors» e oficiais classe A, «juniors» e «novos».

Foram os seguintes os dez primeiros resultados nas diversas categorias:

VETERANOS

- 1.º — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira — F.P.S.P. — 284 pontos
- 2.º — Dr. Pedro Simão — C.R. Tietê — 281 pontos
- 3.º — Carlos Cirilo — A.M.T.A. — 279 pontos
- 4.º — Dr. Geraldo Dente Neves — C.R. Tietê — 273 pontos
- 5.º — Ten. Flávio Capeleti — F.P.S.P. — 270 pontos
- 6.º — Pedro Aranha Packness — C.R. Tietê — 269 pontos
- 7.º — Ten. Cel. Rubens Teixeira Branco — F.P.S.P. — 264 pontos
- 8.º — Cap. Luís Carlos P. Moreira — C.R. Tietê — 263 pontos
- 9.º — Cap. José Tenório Q. dos Santos — F.P.S.P. — 262 pontos
- 10.º — Dr. Renato Penteado Abreu — A. D. Floresta — 261 pontos

«SENIORS» E OFICIAIS CLASSE «A»

- 1.º — Genival Vasconcelos — A.M.T.A. — 273 pontos
- 2.º — Flávio Otero — S.S.T.A. — 265 pontos

- 3.º — Afonso Muniz — A.M.T.A. — 260 pontos
- 4.º — Luís Artigas Martins — A.D. Floresta — 259 pontos
- 5.º — Ten. Osvaldo Hildebrand — F.P.S.P. — 255 pontos
- 6.º — Cap. Antônio Sampaio — F.P.S.P. — 255 pontos
- 7.º — Reginaldo Bacchi — A.D. Floresta — 253 pontos
- 8.º — Ten. Luís Gonzaga Del Nero — A.D. Floresta — 252 pontos
- 9.º — Luís Guilherme Cordes — C.R. Tietê — 252 pontos
- 10.º — Mário Motta — A.M.T.A. — 248 pontos



Duas figuras exponenciais do TIRO AO ALVO nacional

A esquerda, o cap. Jorge Mesquita de Oliveira; à direita, o ten. cel. Rubens Teixeira Branco, dinâmico presidente da Federação Paulista de Tiro ao Alvo

«JUNIORS»

- 1.º — Paulo Alberto Comar — A.C.T.A. — 261 pontos
- 2.º — Antônio Pinto Camargo — Guarda Civil — 259 pontos
- 3.º — Duílio Bianchi — A.C.T.A. — 257 pontos
- 4.º — Ten. Agenor dos S. Silva — A.S.T.A. — 257 pontos
- 5.º — Ten. Waldemar C. Oliveira — A.C.T.A. — 257 pontos
- 6.º — Aristides Citadino — A.S.T.A. — 244 pontos
- 7.º — Paulino Corradi — A.C.T.A. — 241 pontos
- 8.º — Ten. Celso Conceição Lima — A.S.T.A. — 240 pontos
- 9.º — João Clemente — A.C.T.A. — 239 pontos
- 10.º — ten. Horácio Mendes — F.P.S.P. — 233 pontos

NOVOS

- 1.º — Pedro Cassimiro de Araujo — Rio Preto — 260 pontos
- 2.º — Milton Pena — C.R. Tietê — 257 pontos
- 3.º — Santelmo Couto Magalhães Filho — A.S.T.A. — 257 pontos
- 4.º — Lúcio Mendes — A.S.T.A. — 254 pontos
- 5.º — Acrísio Zuardi — Liga Campineira — 254 pontos
- 6.º — Mário Cilento — A.M.T.A. — 251 pontos
- 7.º — Natalino Mastrofrancesco — A.D.F. — 241 pontos
- 8.º — Caetano Clemente Neto — Catanduva — 239 pontos
- 9.º — Roque Pavani — Catanduva — 238 pontos
- 10.º — Floriano Gonzaga — Guarda Civil — 236 pontos

O resultado obtido pelo capitão Jorge Mesquita de Oliveira passa a ser o recorde paulista de revólver, calibre 32 - 38 livre, a 25 metros, em alvo internacional, devendo ser homologado.

Os sete primeiros colocados na categoria de novos, passam a ser considerados «juniors» (grupo I — tiro de precisão), por terem conseguido o índice previsto no regulamento.



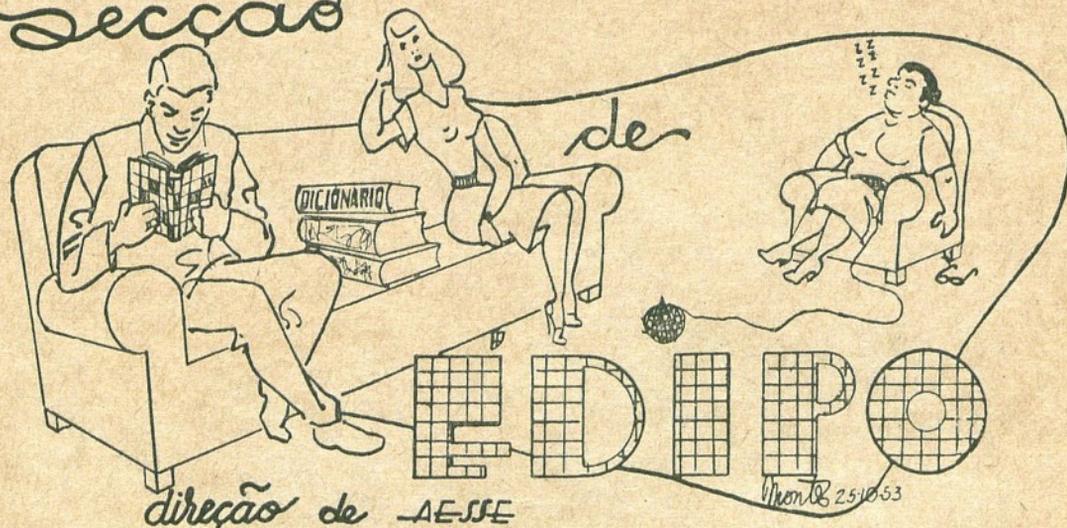
Recebemos e agradecemos os cumprimentos que, por ocasião das Festas de Natal, nos enviaram os seguintes amigos de "Militia":

Cia. T. Janér Comércio e Indústria; Tintas Supercôr Ltda.; capitão José Silva, representante de "Militia", no Estado do Amazonas; comando, oficiais e demais componentes da Polícia Militar do Rio Grande do Norte; Imprensa Policial; cap. Plínio D. Monteiro; Associação Beneficente dos Sargentos da Polícia Militar do Distrito Federal; Cap. Antônio Moraes Neto, da Polícia Militar do Rio Grande do Norte; Cia. de Papéis F. Johnsson; comandante, oficiais e praças do 2.º Batalhão de Caçadores da Polícia Militar de Mato Grosso; Gravarte Ltda.; Secção de Revistas e Jornais da Biblioteca Pública Municipal; comandante e oficiais do 5.º B.C. da Força Pública do Estado de São Paulo; ten. cel. Tarciso Soriano Aderaldo, diretor do Hospital Militar da Polícia Militar do Estado do Ceará, e Polícia Militar do Ceará.

BOMBEIROS BRASILEIROS APAGAM FOGO EM LOS LIBRES

Ocorreu, nos últimos dias do ano transato, lá no sul, um fato inédito. Na cidade argentina de Paso de los Libres, que confronta com Uruguaiana, irrompeu violento incêndio, ameaçando tomar proporções cada vez maiores e mesmo catastróficas. Com rapidez e destreza elogiáveis, os soldados do fogo de Uruguaiana atravessaram a ponte internacional que liga aquelas duas cidades e iniciaram o ataque ao fogo. Segundo os próprios argentinos, tal cooperação foi de grande valia, pois que, atuando eficazmente, os bombeiros brasileiros extinguiram as chamas que, não obstante, causaram danos calculados em um milhão e meio de pesos. Foi, sem dúvida, uma invasão de confraternização.

Secção



ENIGMA CHARADÍSTICO

- 16 — Se o patrão não tem valia
Não o respeita a empregada
Esão sempre em arrelia
Numa vida atribulada. (5 letras).

Veterano

CHARADAS AUXILIARES

- 17 — ... vira = peixe espada
... tura = boa sorte
... runa = poderoso
... voto = dedicado

Conceito: — Gente moça

C. Bento

- 18 — ... mote = ridículo
... mota = fantasma
... pado = cortado rente
... rado = baião

Conceito: — Pinta-monos

X.P.T.O.

CHARADAS NOVISSIMAS

- 19 — Basta! Caipira só come fécula de
mandioca — 1 - 3.

Com y Tra

- 20 — Ele tinha a aparência de mulato
sertanejo. — 2 - 2.

K.D.T.

- 21 — Uma simples roldana complicou um
bocado a questão. — 2 - 2.

Cel. S. O. Silva

- 22 — No "rancho" eu motejava de todo
aquêlo que contava com coisa que
depende do acaso. — 2 - 2.

Paulista Velho

CHARADAS SINCOPADAS

- 23 — A caravana atravessa o deserto sob
um sol causticante, mas logo en-
contra um oásis, lugar de descan-
so. — 3 - 2.

Pompeu Júnior

- 24 — Uma lista de bons produtos não
se destrói. — 3 - 2.

P. Q. Nino

- 25 — Folha de pinheiro não serve de
leito. — 3 - 2.

Plínio D. Monteiro

- 26 — Homem astuto não sobe em pos-
te. — 3 - 2.

Cel. S. O. Silva

CHARADAS CASAIS

- 27 — Quem não nota o que é descomu-
nal? — 3.

Pompeu Júnior

- 28 — Quão insignificante és, ó morte. - 2.

Com y Tra

- 29 — Jornalista novato não sai do cen-
tro da cidade. — 2.

K.D.T.

- 30 — O maltrapilho seguiu aquela dire-
ção. — 2.

Plínio D. Monteiro

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:— 1 — Denominação local da Serra do Mar nos Estados de São Paulo e Paraná; 11 — Sufixo designativo de agente; 12 — Grande curso de água natural; 13 — Pedra do altar; 14 — Andar; 15 — Relativo à boca; 17 — Atomo, radical ou molécula carregada eletricamente; 18 — Aroma (pl.).

VERTICAIS: — 1 — Polvilho; 2 — Marco das portas; 3 — Lavarar; 4 — Rio da África oriental; 5 — Contração da preposição com artigo; 6 — Exclamação de asco, desprezo ou pouco caso; 7 — Peça de música para uma só voz; 8 — Confusão; 9 — Duas vezes; 10 — Atmosfera; 16 — Em a.



OS ROMANOS CONHECIAM AS PALAVRAS CRUZADAS

O passatempo de decifrar enigmas tem origens remotas. Deleitavam-se com eles os romanos, que também conheciam as palavras cruzadas, diversão essa que aprenderam dos orientais e denominavam "latercolo". O "rebus" é antiquíssimo: suas raízes afundam-se no antigo Egito. Foi o brinquedo preferido e nada comprometedor dos oráculos. O nome é de origem romana: "Rebus" quer dizer: com as coisas, por meio das coisas. Leonardo gostava muito de rebus e criptogramas. De fato, os códigos vinciannos contêm interessantíssimos jogos de palavras cruzadas ilustrados, que na época eram denominados "palavras figuradas". O grande gênio italiano costumava, freqüentemente, exprimir um conceito por meio de figuras e adotava esse meio também para as notas musicais.

O rebus figurado não mudou muito com o tempo. Hoje alcançou certa dignidade de forma e certo senso artístico.

As palavras cruzadas, que constituem um dos passatempos mais difundidos de nossa época, voltaram a nascer, por acaso, da fantasia e do aborrecimento de um prêso que não sabia como passar o tempo: Vi or Orille, de origem sul-africana, domiciliado em Nova Yoru, foi prêso em 1915 e condenado a sete anos de

reclusão por ter atropelado e matado uma menina enquanto dirigia seu carro em estado de completa embriaguês. Tão logo saiu da prisão, cumprida a pena, Orille difundiu sua invenção nos locais públicos, nos salões de baile, nos hotéis, nos salões de beleza, nos cabelereiros, etc. Mas, como não tivesse tirado patente para garantir seu invento, jornais e revistas passaram a publicar palavras cruzadas e o inventor morreu pobre e obscuro em Capetown. (ANSA)

Transcrito da "Fôlha da Manhã"

★ ★ ★

3.º TORNEIO de 1953

Ao confrade Pompeu Junjor, vencedor do 3.º torneio de 1953, foi enviado, como prêmio de sua escolha, o Dicionário de Figueiredo, ed. reduzida, o qual já se acha em seu poder, conforme nos comunicou.

★ ★ ★

CIRCULO ENIGMISTICO DE SANTOS

Em assembléa realizada no dia 28 de janeiro, foi eleita a seguinte Diretoria para dirigir os destinos do C.E.S. no biênio 1954/55:

Presidente, Nínio Mendes da Silva (Zednem); Vice-Presidente — Helácio Marques (Oidaleh); 1.º Secretário — Armando Petrarchi Filho (Arpetra); 2.º Secretário — Nilo Gago Gonzalez (Olin); 1.º Tesoureiro — Júlio Melo Fernandes (Jumedes); 2.º Tesoureiro — Isaltino Spares (Só Ares).

Vogais: Algirdas Viltrakis (Tim); Roberto Henrique Simões (Rohen Seomis); Tarcísio J. Marques Ferreira (Tarcísio).

Conselho Fiscal: Belmiro Gomes de Almeida (Begoal); Érdener A. Franco (Malba Tantan); Nelson Bernardo (Bri-gadeiro).

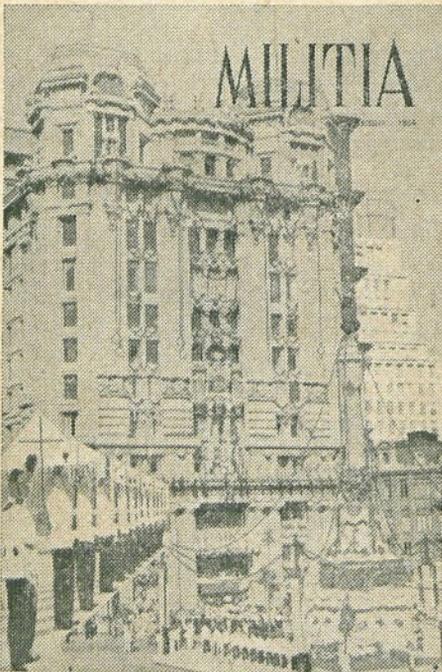


GARCIA REDONDO — CHARADISTA

Na coluna "Momento Literário", da "Gasetta de Notícias", em 1905, respondendo à "enquete" promovida por João do Rio,, assim definiu Garcia Redondo sua formação literária: "Esta pergunta oferece-me pretexto e oportunidade para uma confissão que eu há muito desejo fazer. A minha formação literária tem o seu alfa na leitura do "Almanaque de Lembranças", isto é, em 1897. Neste tempo cultivava-se com entusiasmo a charada, o logogrifo e o enigma, e esse

gênero de diversão, que o "Almanaque" vulgarizou e pôs em moda em Portugal e no Brasil, atraiu-me e instruiu-me. Para obter decifrações com relativa facilidade, foi-me preciso estudar a história, a geografia, a fábula, as ciências naturais e a língua vernácula. Conquistei com esse estudo uma grande cópia de conhecimentos que outros, na minha idade, não tinham.

Transcrito da "Enciclopédia do Charadista", de Sylvio Alves.



NOSSA CAPA

A Fôrça Pública não faltou à memorável festa cívica com que os paulistas comemoraram o dia da fundação de sua majestosa cidade—1554—25 de janeiro—1954

